

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Mestrado em Urbanismo Contemporâneo



Dissertação de Mestrado

**O Lugar da Literatura na Produção da Cidade Latino-americana:
Desvendando Satolep**

Bianca Ramires Soares

Pelotas, 2022.

Bianca Ramires Soares

**O Lugar da Literatura na Produção da Cidade Latino-americana:
Desvendando Satolep**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: André de Oliveira Torres Carrasco

Pelotas, 2022.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S676l Soares, Bianca Ramires

O lugar da literatura na produção da cidade latino-americana : desvendando Satolep / Bianca Ramires Soares ; André de Oliveira Torres Carrasco, orientador. — Pelotas, 2022.

105 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Urbanização. 2. Literatura. 3. América latina. 4. Satolep. 5. Pelotas. I. Carrasco, André de Oliveira Torres, orient. II. Título.

CDD : 711.4

Bianca Ramires Soares

O Lugar da Literatura na Produção da Cidade Latino-americana

Dissertação aprovada, como requisito final, para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 25 de outubro de 2022.

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. André de Oliveira Torres Carrasco (Orientador)

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo

.....
Prof^a. Dr^a. Louise Prado Alfonso

Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo

.....
Prof^a. Dr^a. Patricia Zandonade

Doutora no Programa de Pós-Graduação em Energia - Ambiente e Sociedade
da Universidade Federal do ABC

.....
Prof. Dr. Eduardo Rocha

Doutor pelo PROPARG da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS

Dedico este trabalho, em especial, à minha avó Ivone.

Agradecimentos

Aos meu pais, José Luiz Soares e Beatriz Ramires Soares, por terem me ensinado sempre pelo caminho da cooperação e por me derem liberdade para que eu fosse o que eu sonhasse em ser.

Às minhas irmãs, Betina Ramires Soares e Luiza Ramires Soares, pelo carinho e por junto comigo estarem em todos os momentos.

À minha dinda, Marilene Soares por todo afeto e por me ensinar a ser resiliente.

À minha tia, Jane Luzia Soares pela abertura e acolhimento.

À minhas amigas, Amanda Morais Grabin, Mariana Mühlenberg Soares e Paula Gazalle, pelas conversas, pela amizade de longa data e todo o apoio. Vocês foram muito importantes durante toda a minha trajetória. À Ana Carolina Xavier, agradeço a amizade, o incentivo e a preocupação demonstrada, ao longo deste trabalho.

Aos meus avós, pela infraestrutura que puderam me proporcionar.

Ao Professor André Carrasco, pela sua orientação, disponibilidade e apoio, estando sempre presente e atento ao que necessário fosse.

Às professoras membro da banca de qualificação, Professora Louise Prado Alfonso e Professora Patricia Zandonade pelas pertinentes observações que engrandeceram este estudo.

Ao Gustavo Saraiva Frio, pela cumplicidade e por escolher fazer parte deste caminho.

À Professora Ana Paula Faria, pelas conversas e por ter me ajudado a perceber que com a força de um objetivo se pode fazer muita coisa. Ao Professor Eduardo Rocha por ter sempre me incluído nas dinâmicas de seu grupo e por ter me incentivado a frequentar o LabUrb. Estendo meus agradecimentos também a todos os colegas de LabUrb.

A todos os docentes do PROGRAU, pela grande contribuição ao longo desta caminhada.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

[...] “esperas frustas

vésperas frutas

matérias brutas

quantas estrelas

custas?”

(LEMINSKI, 2013, p.49)

Resumo

SOARES, Bianca Ramires. **O Lugar da Literatura na Produção da Cidade Latino-americana: Desvendando Satolep** 2022. 105f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Este trabalho trata das relações entre literatura e urbanismo, compreendendo as obras literárias como ferramentas capazes de explorar, de um modo geral, os processos de formação cultural das cidades, e em particular, o processo de produção e apropriação do espaço urbano. A literatura, a arquitetura e o urbanismo foram em larga escala influenciados por movimentos culturais, políticos e estéticos constituídos na sociedade contemporânea. Desse modo o trabalho procura estabelecer relações entre textos literários e as possibilidades de sua utilização como ferramentas de leitura, interpretação e apropriação da forma urbana. Por questões de identidade, o recorte do tema seleciona a América Latina como território a ser explorado. Desta maneira, através de um estudo de caso busca reunir, tanto no campo da literatura quanto do urbanismo, interpretações dos fenômenos urbanos recentes de forma a construir uma investigação situada no tempo, no espaço e no contexto das manifestações culturais que podem ilustrar as consequências de uma crise urbana decorrente do esgotamento da matriz modernista funcionalista. Para tanto, a obra para análise é o livro Satolep, de Vitor Ramil.

PALAVRAS-CHAVE: urbanização. literatura. América Latina. Satolep. Pelotas.

Abstract

SOARES, Bianca Ramires. **The Place of Literature in the Production of the Latin American City. Figuring out Satolep.** 2022. 105f. Qualification (Masters in Architecture and Urbanism) - Postgraduate Program in Architecture and Urbanism, Faculty of Architecture and Urbanism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

This work explores the relationship between literature and urbanism, understanding literary works as tools capable of exploring, in general, the processes of cultural formation of cities, and in particular, the process of production and appropriation of urban space. Literature, architecture and urbanism were largely influenced by cultural, political and aesthetic movements constituted in contemporary society. Thus, the work seeks to establish relationships between literary texts and as possibilities for their use as tools for reading, interpreting and appropriating urban form. For reasons of identity, the focus of the theme selects Latin America as a territory to be explored. In this way, through a case study, it seeks to bring together, both in the field of literature and urbanism, the understanding of recent urban phenomena in order to build an investigation located in time, space and in the context of cultural manifestations that can illustrate the consequences of an urban crisis resulting from the exhaustion of the modernist functionalist matrix. Therefore, the work for analysis is the book *Satolep*, written by Vitor Ramil.

KEYWORDS: urbanization. literature. Latin America. *Satolep*. Pelotas.

Lista de Figuras

FIGURA 1 – REPRESENTAÇÃO DA AMÉRICA LATINA _____	29
FIGURA 2 – OBRA DE ANÁLISE _____	48
FIGURA 3 – COLAGEM 1 _____	49
FIGURA 4 - MAPA LIMITES MUNICIPAIS PELOTAS _____	50
FIGURA 5 – A ESTAÇÃO _____	67
FIGURA 6 – A CATEDRAL, CATEDRAL SÃO FRANCISCO DE PAULA _____	67
FIGURA 7 – MERCADO PÚBLICO _____	68
FIGURA 8 – PALÁCIO MUNICIPAL PARA SATOLEP, PREFEITURA MUNICIPAL PARA PELOTAS _____	70
FIGURA 9 – GRANDE HOTEL _____	72
FIGURA 10 – MAPA COM A SOBREPOSIÇÃO DAS ÁREAS URBANIZADAS DO MUNICÍPIO DE PELOTAS _____	79
FIGURA 11 – MAPA COM A SOBREPOSIÇÃO DAS ÁREAS URBANIZADAS DO MUNICÍPIO DE PELOTAS _____	80
FIGURA 12 – FIAÇÃO E TECIDOS, POSSÍVEL GASÔMETRO DA NARRATIVA _____	81
FIGURA 13 – OUTRA POSSIBILIDADE DE LOCALIZAÇÃO DO GASÔMETRO DESCRITO PELA NARRATIVA _____	82
FIGURA 14 – CAFÉ AQUÁRIOS EM PELOTAS, CAFÉ AQUÁRIO EM SATOLEP _____	83
FIGURA 15 – TEATRO SETE DE ABRIL _____	85
FIGURA 16 – BIBLIOTECA PÚBLICA DE PELOTAS _____	86
FIGURA 17 – QUADRADO, ATRACADOURO LOCALIZADO NA VILA DOQUINHAS, ZONA PORTUÁRIA DA CIDADE DE PELOTAS _____	87
FIGURA 18 – CLUBE CAIXEIRAL _____	88
FIGURA 19 – CANALETE DA RUA GENERAL ARGOLO, PELOTAS _____	90
FIGURA 20 – ESCALAS DE ANÁLISE _____	91

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. OBJETIVOS	18
1.1.1. OBJETIVO GERAL	18
1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
1.2. METODOLOGIA	19
2. DIREITO À LITERATURA E DIREITO À CIDADE	20
2.1. A NARRAÇÃO COMO PRÁTICA DE APREENSÃO DO LUGAR	25
2.2. PARTICULARIDADES DAS MANIFESTAÇÕES DE VANGUARDA NO URBANISMO E NA LITERATURA	26
3. PANORAMA GERAL DA URBANIZAÇÃO NA AMERICA LATINA	29
3.1. URBANIZAÇÃO LATINO-AMERICANA	30
3.2. UM OLHAR DA LITERATURA SOBRE A URBANIZAÇÃO	35
4. LITERATURA, PROJETO E INTERVENÇÃO	38
5. ESTUDO DE CASO: UMA LEITURA URBANA DE PELOTAS	46
5.1. CONSTRUINDO UMA LEITURA URBANA DE PELOTAS A PARTIR DO LIVRO SATOLEP, DE VITOR RAMIL	52
5.2. UMA ABORDAGEM GERAL DA OBRA E TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VITOR RAMIL	57
5.3. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA CIDADE DE SATOLEP	60
5.4. ESTUDO DO CONTEXTO URBANO DA CIDADE DE VITOR RAMIL	73
5.5. VISÕES DE SATOLEP EM RUÍNAS	77
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
7. REFERÊNCIAS	101

1. INTRODUÇÃO

É possível considerar que a formação de uma literatura latino-americana possui uma história recente. Segundo Perrone-Moisés (1997), nos últimos quinhentos anos se consolidou o que hoje é possível chamar de uma literatura latino-americana, o que nos permite pensar que o histórico recente de uma consolidação da representatividade literária na América Latina produziu, ainda que em português e espanhol, principais línguas que fomos colonizados, prolongamentos excêntricos das literaturas europeias, forçando-as desde então a lidar com uma questão de identidade cultural. (PERRONE-MOISÉS, 1997)

Nesse sentido, observa-se que ao longo da história, tanto a literatura quanto o urbanismo latino-americano sofreram transformações expressivas, considerando os períodos entre colonização, independência, industrialização, urbanização e consolidação dos centros urbanos. Segundo Segre (1983), a partir da década de 30, países como Brasil, Argentina, México, Venezuela, Chile, entre outros, sofreram um processo acelerado de industrialização, o que produziu um intenso processo de urbanização no território latino-americano. Desse modo, este trabalho reconhece, inicialmente, no contexto latino-americano, a possibilidade de explorar a constituição de influências mútuas entre estes dois campos da cultura e do conhecimento: o urbanismo e a literatura.

Assim sendo, a inquietação para este estudo originou-se da intenção de refletir sobre como estas relações contribuíram para a consolidação de uma identidade cultural deste universo e como esta produção social impactou no engendramento necessário para produzir cidades que hoje apresentam as mais diversas características, formatos e identidades.

Por outro lado, Waisman (2013) rejeita a concepção inicial das unidades históricas como determinantes para a categorização da produção material nas cidades latino-americanas. Estas concepções, segundo a autora, apesar de serem determinadas por historiadores, devem ter um sentido e se justificarem. Assim, dentro do universo da produção social e material produto dessas consequências, periodizações e divergências sobre os desdobramentos históricos evolutivos dos territórios, este trabalho procura entender e contribuir

ao debate sobre como o urbanismo é capaz de produzir e ser produto da literatura em culturas locais, procurando explorar, através das interações entre literatura e urbanismo, seus desdobramentos nas cidades da América Latina ao longo do último século. E, no que diz respeito à uma literatura latino-americana, o que seus registros são capazes de mostrar e de que modo em suas obras aparecem rastros de crise do urbanismo moderno. Este trabalho também se propõe explorar como esses registros literários poderiam fomentar, a partir de metodologias próprias, a indução de outras práticas urbanas contemporâneas.

Orientando o estudo para as produções que incorporam fenômenos urbanos, dentro desse espectro, é possível considerar que algumas obras literárias são capazes de apresentar ao leitor o processo de formação e modernização das cidades a partir da perspectiva de seus autores. Assim sendo, existem obras capazes de se deter em muitos processos observados na sociedade, dentre esses a urbanização. Usando o entendimento citado anteriormente de que a urbanização, assim como a literatura, são produtos recentes na história, é possível construir o questionamento e pensar, a partir da literatura, no contexto em que se consolidaram esses territórios urbanizados.

Nesse sentido, é importante recordar que, por vezes, a ideia de uma cidade latino-americana, no estudo de arquitetura e urbanismo, pode conduzir ao pensamento simplificado de apenas uma porção do território ou um recorte geográfico. Entretanto, este trabalho considera que a construção desta noção é sobretudo cultural, da mesma forma como são os elementos plurais que compõem a literatura (GORELIK, 2005). As cidades vivenciaram diversas manifestações culturais e sociais ao longo de sua história. O meio urbano definiu a forma e ao mesmo tempo teve sua forma definida por estas expressividades. Suas formações, hierarquizações e relações são o acervo para o aspecto experimental desses usos cumulativos. O presente trabalho considera que determinadas passagens da literatura latino-americana contemporânea podem, por um lado, ilustrar determinados fenômenos urbanos a partir de perspectivas particulares, e por outro, permitir explorar situações urbanas a partir de um entendimento próprio do texto literário. Mesmo sabendo que o conteúdo urbano ensaiado na literatura se encontra por natureza em um tempo passado, ou seja, quando se aborda algo em uma narrativa esse algo, a construção dessa imagem

já passou, é possível considerar que o mesmo ocorre nos projetos urbanos. Projetamos a partir de um território estático, geralmente sob um ponto de vista cartesiano, produzindo para o futuro uma ficção que também tem como fundamento uma realidade que já passou.

Na virada do século XIX para o século XX, os movimentos de vanguarda na arquitetura e no urbanismo avançaram na construção de um consenso em torno de uma abordagem excessivamente racionalista das cidades, culminando com a publicação e generalização das recomendações que seguiam a Carta de Atenas. Segundo Frampton (2003), o discurso da arquitetura moderna desenhava certas vicissitudes, dentre elas a ideia de que a arquitetura inclui o vínculo entre o fenômeno da arquitetura e do sistema econômico geral, como também aborda que a padronização e racionalização ocorrem de algumas formas, dentre elas, através das simplificações dos métodos aplicados à concepção, produção e apropriação das obras.

Desse modo, o vínculo do fenômeno da arquitetura com o sistema econômico geral, entende que o cidadão, assumirá o papel diante da escala urbana de “consumidor da cidade”. Essa analogia ao consumo é estabelecida para esta escala, uma vez que o usuário é o fomentador de bens e de serviços, neste caso, é ele quem exerce esse papel ainda que haja uma adaptação das condições de vida social às mudanças impostas pela racionalização e não ao contrário. Entretanto, Arantes (2009) esclarece que a simplificação dos problemas urbanos como sendo decorrentes apenas da ordem de consumo coletivo e do conflito entre trabalhadores e o Estado se coloca como um encontro de saídas facilitadas, elegendo novos sujeitos. O autor coloca que para o marxismo esses sujeitos, dos movimentos sociais presentes na cidade permanecem indecifráveis como classe social. Na conjectura da explicação da América Latina, eles constituem o eixo da marginalidade. (ARANTES, 2009)

Ainda assim, de acordo com Liernur (2010), a modernidade, em um sentido amplo do termo, se constituiu inicialmente como um movimento dual e paradoxal. O autor aborda a questão da complexidade da modernidade estabelecendo como o motivo dessa complexidade o fato de que a modernidade abrangia uma gama de assuntos os quais impulsionariam a expansão e a

universalização. Assim, o autor infere que esse movimento, ocorreu de maneira generalista, passando pelo capital, pelo consumo, pela igualdade política e pela razão. Durante esse período, segundo o autor, é tido como fundamental impulsionamento a universalização e a expansão do capital, do consumo, da igualdade política e da razão. No entanto, para que haja a imposição das mesmas, são necessárias forças que fomentam a individualização, como a burguesia, o novo, as nações e as subjetividades (LIENUR, 2010).

Desse modo, ainda segundo o autor, apesar de inicialmente tomar uma posição mais generalista sobre os processos que constituíram o que o autor chama de modernidade, o mesmo afirma que existe certa divergência entre a construção do pensamento modernista na arquitetura e urbanismo e em outras áreas, como a arte ou a literatura, para as quais a explicação da expansão capitalista surge como essencial para o entendimento da constituição de modernidade. No entanto, o autor coloca que o discurso do modernismo dentro da história da arquitetura e do urbanismo ignora as existências do imperialismo, colonialismo e neocolonialismo. Negligenciando estes discursos e incorporando de uma maneira ingênua as consequências da globalização.

Assim sendo, é possível considerar que existem pontos de convergência e divergência entre o urbanismo e a literatura, sendo possível traçar algumas relações entre eles, principalmente ao longo do século XX, a partir de um paralelo entre os principais movimentos sociais atravessados pela literatura, dos principais movimentos literários e os movimentos que defendiam a renovação da linguagem da arquitetura e, conseqüentemente, no urbanismo. Nesse sentido, podemos perceber que existiu movimento moderno tanto na literatura quanto no urbanismo, e nos dois casos, ambos modernismos foram movimentos que tiveram subdivisões.

Para tanto, assim como o Movimento Moderno alcançou o urbanismo, a literatura também foi impactada por manifestações das vanguardas históricas. Novos autores deram luz à chegada dos novos tipos de narrativas, definindo novas expressividades. No urbanismo, novos tipos de concepção do espaço e de construção foram formulados e defendidos neste processo. Segundo Castro (2016), a história cultural urbana está aberta às disciplinas que tenham algo a

contribuir no conteúdo sobre cidades e, portanto, isso resulta em novas definições em torno dela, a literatura, a política, a sociologia, a arquitetura, também passam por uma nova codificação ao serem reformuladas por novos filtros.

Para isso, é possível delinear um percurso que teria como ponto de partida uma discussão em torno da ideia de vanguarda; do contexto histórico de sua consolidação; de suas manifestações tanto no campo da literatura quanto no da arquitetura e urbanismo e de sua importância na construção e consolidação da noção do direito à arte. As vanguardas aconteceram de diversas formas ao redor do mundo, para tanto, é possível citar os casos de vanguardas em sociedades já política e culturalmente estabelecidas e no contexto da formação da América Latina de maneiras distintas.

Em seguida, seria importante refletir a respeito das particularidades em torno das formas pelas quais estas manifestações de vanguarda chegaram e se consolidaram na América Latina; das tensões entre a constituição original destas expressividades e um contexto periférico e das semelhanças e diferenças entre as manifestações locais. A partir deste ponto, seria possível identificar e explorar as relações entre a produção literária e a produção de espaço urbano decorrentes deste contexto, entre obras específicas em cada um dos campos; entre tipos e possibilidades de narrativas e escalas de leitura e intervenção no espaço, chegando até nas possibilidades de interação entre seus personagens.

Certa atenção deve ser dada ao paralelo das vanguardas no continente latino-americano. De acordo com Gorelik (2005), as vanguardas estabelecidas na América Latina possuem uma série de analogias. O conceito de imaginário sempre figurou nos aspectos de textura do espaço social das cidades. Assim, as vanguardas tendem a explicar os desdobramentos dos movimentos artísticos, políticos e sociais.

Segundo Antônio Candido, a literatura dá acesso a uma possibilidade de leitura do mundo, na qual o texto literário dá a oportunidade de testar coisas, de estar presente em lugares, de estar com pessoas que talvez jamais conheceríamos, lugares que jamais visitaríamos (CANDIDO, 2011).

Uma sociedade sem a possibilidade de imaginar, de pensar o mundo diferente do que ele é, não tem poder transformador da realidade. É uma sociedade que não consegue se estabelecer politicamente. A literatura, por sua vez, dá amparo à construção individual da forma de ver, dando acesso a cenários alternativos. Estes são fundamentais porque são uma perspectiva de futuro, que além de possivelmente ligados ao bem estar geral, dão subsídios à imaginação. Dessa forma, voltando às questões particulares do desenvolvimento do urbanismo no cenário urbano, se não há imaginação não existe a possibilidade de existir um novo pensar.

A organização do pensamento coletivo a respeito das questões urbanas se dá através de uma construção superior que possibilite a formação de um olhar que vai além das imagens postas cotidianamente no cenário urbano. Desse modo, mudanças e conflitos são gerados, ocorrendo a produção de novos cenários. Existe, na sociedade, uma produção material desenfreada que se impõe à vida cotidiana, e por consequência disto, uma forte inclinação voltada ao consumo, o que dificulta uma visão atenta a todas experiências que desenham a urbanidade. A organização do pensamento coletivo a respeito das questões urbanas se dá através de uma construção superior que possibilita a formação de um olhar que vai além das imagens postas cotidianamente no cenário urbano.

Se não existe a possibilidade de um novo pensamento, não há como existir um novo projeto urbano ou, indo mais adiante, um processo de planejamento urbano que seja transgressor e fuja dos meios tradicionais, repetitivos e homogêneos, interditando uma construção política do espaço. A literatura é arte em forma de discurso, é manifestação cultural e capacidade de argumentação diante de um mundo desigual, que pode ser uma ferramenta potente para as grandes demonstrações das raízes profundas de nossas desigualdades. O urbanismo possui questões profundas sobre a produção de desigualdades, enquanto a literatura se ocupou em retratar algumas destas desigualdades, o urbanismo por sua vez foi responsável também por produzi-las.

Assim sendo, a intenção é abordar elementos de obras selecionadas, pela perspectiva de que cada elemento de uma narrativa literária atribui determinados sentidos e significações para o processo de urbanização das cidades latino-americanas ao mesmo tempo que tem seu sentido e significação determinados por esse mesmo processo. Desta forma, é preciso procurar e explorar estas conexões e compreender como elas se realizam e se inserem dentro do contexto de nossas cidades.

Devido à heterogeneidade da produção literária latino-americana, e com a intenção de fixar o estudo em uma produção literária que segue uma mesma lógica, análoga a lógica de construção de um projeto urbano, decidiu-se nortear o estudo na busca de repertório na produção literária latino-americana contemporânea que pudesse delimitar o estudo. Na intenção de fazer um estudo mais aprofundado da reflexão contemporânea sobre a cidade, tornar mais restrita a dimensão do estudo e viabilizar o desenvolvimento deste, mostrou-se necessária a escolha de elementos que delimitassem tal universo. Com isto, percebeu-se que ao identificar e analisar passagens da literatura latino-americana contemporânea se pôde, por um lado, ilustrar determinados fenômenos urbanos, além de explorar situações urbanas a partir de perspectivas próprias do texto literário.

Visando superar uma lacuna cultural percebida nos projetos de planejamento urbano, este trabalho procura estabelecer uma articulação, um diálogo entre dois campos de tamanha importância para a constituição dos movimentos estabelecidos em malhas urbanas e que vão muito além delas. Nesse formato, o trabalho se justifica por buscar romper os limites da arquitetura e do urbanismo no âmbito da configuração da configuração espacial cartesiana, buscando propor um eixo linear de tempo, incluindo literatura, urbanismo e a historiografia arquitetônica, visto que grande parte da produção material produzida nos territórios é arquitetônica.

1.1. OBJETIVOS

1.1.1. OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem como objetivo geral analisar as possibilidades de articulação entre a literatura e o urbanismo no âmbito de processos de leitura, análise, interpretação e intervenção sobre o espaço urbano, em todas as suas escalas, tomando como referência o contexto latino-americano no século XX a partir de um paralelo entre a produção de literatura e a produção intelectual do urbanismo contemporâneo na América Latina.

1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Com o intuito de alcançar o objetivo geral proposto, o trabalho será organizado a partir de alguns objetivos específicos. Sendo eles: fazer uma análise dos movimentos urbanos em comparação aos movimentos literários na sociedade contemporânea; observar como a evolução se dá em cada um desses processos, suas exceções, possíveis confluências e convergências externas; sob a ótica das manifestações artísticas, salientar a presença cultural e o poder de transformação das narrativas contidas nestas manifestações ao longo da história; este trabalho entende como fundamental percorrer estas narrativas artísticas e da historiografia para articular esta reflexão.

Como ponto de partida, tentar entender o papel das narrativas literárias na cronologia histórica dos movimentos de vanguarda de cada lugar onde se passam as obras a serem articuladas com este trabalho e procurar analisar, sem a intenção de fazer uma síntese, quais as suas relações diretas e indiretas com a produção cultural nos espaços reais. Analisar a paisagem dentro da perspectiva de contextos alternativos aos contextos urbanos da realidade e seus aspectos de maior fragilidade, como a desigualdade social dos espaços que as obras literárias ilustram em formato de texto.

1.2. METODOLOGIA

A metodologia adotada será a de exploração do conteúdo coletado nas narrativas literárias, desenvolvendo no final desta dissertação um estudo de caso. Para tanto, dentro de um procedimento de pesquisa chamado delineamento, que, segundo Gil (2002), situa o desenvolvimento da pesquisa em algumas fases, sendo elas: formulação de um problema, construção de hipóteses, determinação de um plano, operacionalização de variáveis, elaboração dos instrumentos da coleta de dados, seleção da amostra, análise e interpretação dos dados e, por fim, redação do relatório da pesquisa. Diante da operacionalização destas variáveis selecionadas para organizar o encadeamento dessa pesquisa, o autor aborda que para o procedimento de pesquisa nesse formato se desenvolver adequadamente é necessária a seleção da amostra a ser analisada, nesse sentido, neste trabalho as amostras serão organizadas e analisadas em escalas, onde inicialmente se organizará em uma primeira grande reflexão geral organizada no formato de pesquisa bibliográfica e, posteriormente, para apoiar a análise e interpretação destes dados coletados dos fragmentos das obras de literatura, será desenvolvido um estudo de caso com a intenção da apropriação de uma situação local.

Assim sendo, a pesquisa será desenvolvida, inicialmente, a partir de uma pesquisa bibliográfica, sistematizando os conceitos, categorias e argumentos apropriados a partir destas fontes. O posterior desdobramento das análises também tomará como referência alguns procedimentos metodológicos da psicogeografia situacionista.

Ainda que sejam um conjunto de procedimentos relacionados ao comportamento e, portanto, diretamente ligado as ações, neste trabalho a intenção foi utilizar uma abordagem elaborativa do espaço, através de análise dos contextos nos quais estão inseridos os processos de urbanização na América Latina.

Inicialmente é feita somente de prática crítica, num segundo momento, é feita de somente de crítica social. Desse modo, foi pensado como metodologia a utilização da teoria pela mesma conter meios práticos e uma teoria crítica que

apoiasse uma elaboração sobre a mudança de paradigma no pensamento do território.

2. DIREITO À LITERATURA E DIREITO À CIDADE

É ainda restrito o universo de pesquisas que abordam a literatura como ferramenta de leitura, análise e intervenção sobre o espaço urbano. Considerando que estas seriam as instâncias nas quais, ao menos como possibilidade, o direito à literatura poderia se articular com o direito à cidade, é preciso ter em conta alternativas para a superação dessas lacunas.

Uma vez que o direito à literatura está intimamente ligado aos direitos humanos (CANDIDO, 2011), o mesmo deve ser considerado em relação ao direito à cidade (LEFEBVRE, 2010). Se a construção de uma sociedade demanda a construção dos mundos endógenos e exógenos de seus cidadãos e de seu espaço cultural, a consistência desse processo relaciona-se com sua capacidade de criação, seja em literatura, seja em urbanismo. Tal capacidade de criação é proporcional ao tamanho de seu mundo, e por sua vez, seu mundo do tamanho dos mundos conhecidos. Nessa linha, devido à grande potência dessa articulação, torna-se a cada dia mais necessário o entendimento da literatura de maneira integrada à cidade. Desse modo, considerando o direito à cidade como primário e básico a todos, de maneira correspondente é possível defender o direito à literatura.

Num contexto que predomina a desigualdade urbana, o acesso aos espaços culturais da cidade não está disponível para todos. Sob diferentes perspectivas é possível perceber uma série de barreiras de classe, gênero e raça, principalmente ao se observar as relações de produção e apropriação destes espaços. Uma vez que a produção cultural seja de difícil acesso, torna-se de difícil entendimento a mesma como importante construtora da paisagem nas cidades. Neste sentido, é possível dar protagonismo à literatura, que é arte em forma de discurso, podendo desse modo, sustentar e dar suporte a uma

construção de mundo que não é somente externa, mas também interna de cada ser humano.

Segundo Jacques (2012), a sociedade caminha justamente no sentido oposto, na medida em que sentimos o empobrecimento das narrativas. A autora tem o entendimento de que o “próprio exercício de narração já está associado a uma prática espacial” (JACQUES, 2012, p.17). De acordo com Jacques (2012), há grande importância das narrativas para a construção dos sujeitos. Desta maneira, a sociedade atual, focada no espetáculo e centrada nas questões do capital, fomenta a morte das narrativas. Logo, no lugar onde elas morrem nasce uma cidade homogênea e cheia de limites. Lugar este, onde há perda da capacidade de transmissão da experiência e impossibilidade de experiências coletivas. Inexistência também da memória (JACQUES, 2012).

A busca por um caminho comum entre literatura e urbanismos resultou no interesse do estudo das obras da Internacional Situacionista (IS), que, segundo Jacques (2003) formava um grupo de artistas, pensadores e ativistas que lutavam contra a alienação e a passividade da sociedade moderna contemporânea. Nesse sentido, a força crítica dessas ideias delineava um movimento mais amplo que alcançava âmbitos artísticos, sociais, culturais e, sobretudo políticos (JACQUES, 2003). Posto isto, ponderando que o ambiente urbano, por vezes, se apresenta como elemento central de algumas narrativas literárias contemporâneas, podemos pensar em uma possível relação de interferências mútuas entre literatura e urbanismo no contexto latino-americano.

Através das narrativas e da literatura podemos compor a imagem de um espaço seja ele real ou abstrato, fruto de uma invenção ou de fatos. A cidade está presente na literatura e, por sua vez, a literatura está na urbanização. É sabido também que a literatura tem o poder de transformar seus leitores e conseqüentemente seus leitores também a transformam (CASARES, BORGES E OCAMPO, 1965).

Isto posto, se torna possível construir uma reflexão a respeito de como estes campos do conhecimento, e suas respectivas categorias de análise e de produção, podem se articular tanto em termos conceituais quanto

metodológicos, visando estabelecer as conexões necessárias para uma identificação entre o direito à literatura e o direito à cidade.

No panorama cultural das cidades latino-americanas, várias questões causam certo estranhamento em relação à constituição das vanguardas na América Latina. Originalmente, as vanguardas europeias, ou também chamadas neste texto de vanguardas históricas, contrapunham-se às expressividades vigentes na Europa e à sociedade que as produziu, propondo sua reorganização. O padrão revolucionário das vanguardas europeias se organizava contra a constituição e organização das formas políticas e sociais vigentes. Segundo Gorelik (2005), as vanguardas na América Latina são vanguardas adjetivadas, ou seja, não são apenas vanguardas, mas uma construção de significado em um momento no qual ainda está sendo criada uma identidade nacional para esses lugares. Sendo assim, os movimentos de vanguarda são tidos como movimentos passíveis de incorporar novos significados, enquanto ainda está sendo constituída uma identificação do território. Gorelik (2005) explora a necessidade de adjetivação, colocando então as vanguardas latino-americanas como vanguardas classicistas, reativas, tropicais, oficiais, entre outras.

Entre as décadas de 1920 e 1930 a Europa já estava consolidada em sua representatividade e expressividade, enquanto a América Latina ainda constituía sua identidade. Gorelik (2011) aponta que um Estado nacionalista benfeitor, típico da realidade latino-americana no período, atua na reorganização a capitalista do território, imbuídos de um desenvolvimentismo já pré-estabelecido pelos nacionalismos em ascensão na época da constituição de uma identidade cultural para a América Latina. E nesse momento urbanismo, Estado e vanguarda confluem na necessidade de construir uma cultura própria. (GORELIK, 2005)

Por outro lado, pensar as vanguardas na América Latina como potencial revolucionário de mudança no período dos anos 1920 aos anos 1930, é uma questão bastante complexa. Desperta, neste período, um imaginário predecessor a uma identidade cultural que ilustra que a ideia de que é a nação mais do que a sociedade, o que torna difícil a compreensão do potencial revolucionário das vanguardas de um ponto de vista cultural. Os intelectuais

brasileiros estavam imbuídos, junto e financiados pelo o Estado para a criação de uma identidade cultural nacional. Neste período, no Brasil, segundo Martins (2010), houve um processo de cooptação dos intelectuais da época pelos setores dominantes da economia e pelo aparelho estatal.

Luciano Martins indica que, ao contrário do que fez a força da *intelligentsia* russa, os intelectuais brasileiros, mesmo os mais lúcidos denunciadores da miséria moral e material do país, são incapazes de superar em seu discurso o domínio da crítica moral, frequentemente confusa: “os protestos e perplexidades não chegam a se converter em um projeto de transformação da sociedade”. (MARTINS, 2010, pág. 281)

A respeito da urbanização, a modernidade, enquanto engrenagem do pensamento estruturante das vanguardas históricas, apresenta uma dimensão ambivalente dos estados da arte nesse período (ARANTES, 1998). Os desdobramentos do período, apesar de garantirem os avanços dos movimentos artísticos durante o processo, calcificaram o desenvolvimento do terceiro mundo em uma matriz capitalista de promoção cultural. Nesse sentido, a força de mudança das narrativas ficou comprometida, engessada e com vínculos no capital que as detinha.

Assim esta reflexão se organizaria em camadas de questionamentos, que são relativas a distintos elementos das narrativas urbanas, incorporando questões relativas à paisagem, habitat urbano e produção do espaço com enfoque no pensamento e crítica na criação da imagem das cidades contemporâneas.

Sobre a perspectiva do direito a cidade e do acesso a literatura, podemos orientar ambos, pensados em lógicas diferentes, mas unidos por ideais de acesso em comum. Pode-se pensar em um direito a cidade e um acesso a literatura que não se concretizam, que não chegam da mesma forma a todos, para que haja a apropriação por parte daqueles que usam a cidade. É evidente

que este pensamento é complexo e passa por vários vieses, como o da falta de acesso aos livros e material literário de qualidade, falta de acesso a espaços culturais na cidade que possibilitem conexões e ainda pouco tempo de conexão do usuário com essas esferas do ensino e da cultura. Uma cultura voltada pro consumo, como mencionado anteriormente, uma grande questão em se articular um pensamento entre a cultura do capital e seus engendramentos intrínsecos na formação da cultura e, desse mesmo modo, sobre a produção e formação cultural das cidades. Tanto no texto sobre direito a literatura escrito por Candido (2011) quanto no texto em que Lefebvre (2010) escreve sobre o direito à cidade, a democratização do acesso e das possibilidades de intervenção são pontos importantes para o debate das questões de direito e acesso aos espaços, estejam eles em um ambiente físico ou imaginário. Nesse sentido, as vanguardas, de uma maneira geral já adotavam posicionamentos abordam a conjuntura atual dos sistemas, num sentido de se expressar também sobre a sombra cultural da promoção da identidade cultural feita pelo sistema nacional.

É possível também pensar em questões que apontam para a não realização de um direito a cidade e de um direito à literatura. Esses direitos, eram bandeiras estabelecidas das vanguardas artísticas e históricas. Entretanto, no caso da América Latina, pela necessidade da criação de uma identidade cultural, pela importância da possibilidade de identificação com os próprios costumes, própria cultura e modo de vida, os movimentos de vanguarda foram necessários para a construção de um território de identificação. Se, por um lado, isso possibilitou uma série de reconhecimentos culturais e históricos, por outro, fez com que houvesse no processo de constituição cultural um forte conluio com o modelo de modernização capitalista adotado, além do cooptação desses intelectuais na época.

Assim sendo, estes seriam os fundamentos dos questionamentos sobre as relações entre a formação e produção cultural e as dinâmicas de urbanização no território na América Latina, que por sua vez definiriam um contexto no qual tanto o direito à cidade quanto o direito à literatura se realizaram principalmente como negatividade. A formação cultural e urbana latino-americana, e principalmente a brasileira, existiu como parte de um projeto amplo e complexo, que envolveu uma série de variáveis. Por este motivo, como já citado

anteriormente, esta pesquisa não procura organizar um material com o intuito de se obter uma síntese sobre os processos de interação entre a literatura e o urbanismo nas cidades latino-americanas e sim, criar um eixo de conexão entre assuntos que se influenciam mutuamente ao longo da história de formação destes territórios com uma ampla diversidade cultural e um histórico de desigualdade, visando explorar alternativas de superação de uma situação de não realização dos direitos à cidade e à literatura.

A discussão sobre o imaterial que se torna material da cidade é complexa e vem ganhando fôlego na construção da historicidade e na consolidação patrimonial do ambiente urbano, dito isto, é possível observar que majoritariamente, os estudos que incluem urbanismo e literatura estão dentro do campo da teoria e da história do urbanismo. Nesse sentido, Peixoto (2013) coloca que o postulado de Marx sobre a economia nos revela aspectos importantíssimos estruturais e enraizados nas matrizes da sociedade capitalista. O teor problematizante do autor é, sobretudo, essencial para observarmos como é necessária uma mudança de pensamento coletiva e cultural. O autor aborda como uma espécie de natureza incontornável a abordagem de muitas estratégias de mudanças e intervenções. A cultura do imaterial que materializa a venda do objeto como experiência, já é comprovadamente uma fonte de especulação por parte da natureza de sua intervenção no espaço.

As interações de pessoas e a produção material da cidade aparecem frequentemente na discussão sobre patrimônio, algumas intervenções buscam mais oferecer atividades as quais as pessoas se identifiquem como ser necessitante das mesmas, sendo que, na maioria dos casos o estudo deveria ser mais sobre a reestruturação de qualidade do espaço do que como oferecer um novo bem ou objeto disponível no mercado. Assim, Peixoto (2013) absorve a questão de o patrimônio cristalizar o elo entre a produção cultural e a produção do espaço urbano.

2.1. A NARRAÇÃO COMO PRÁTICA DE APREENSÃO DO LUGAR

A apreensão espacial está associada a várias características do sujeito em relação a seu entorno imediato, algumas delas em relação ao cotidiano, segundo Velloso (2022), para a autora a revolução do cotidiano começa com a percepção sobre a forma que o planejamento urbano tem inserido a “pessoa” dentro do espectro da cidade. Nesse sentido, a escala humana aparece como artifício para mediar a realidade urbana, aproximando para aquele que usa o ambiente e atribuindo a este uso um viés de negatividade ou destruição. Assim sendo, a autora afirma que dentro do cotidiano sempre existirão domínios assumidos no ato do controle do poder urbano e por sua vez, do planejamento urbano e regional como um todo.

A atitude passiva do ser sobre a cidade é questionada pela apropriação da cidade proposta por dinâmicas de valorização dos encontros, como a situacionista, que confronta fortemente a atitude passiva ou espectadora do ambiente urbano. Nesse sentido, como dito anteriormente, as experiências cotidianas e suas apreensões e aprendizados estão ligados à movimentos de ação, não existe intenção de passividade, valorização ou incentivo da mesma.

Dito isto, as proposições urbanas, na ordem das coisas que são urbanas, uma proposta de planejamento urbano é, em essência, sempre uma decisão arbitrária, afirmada para planejar o lugar como um território abstrato. É a força técnica da economia capitalista e a proteção do poder de classe, o desenho de todo o seu cenário. Com seus habitantes dispersos, ocupados por uma preocupação com a existência mínima, vivendo na apatia, nesse sentido, a cidade é concebida em uma ideologia funcionalista que implica um isolamento e integração na produção e consumo aliado para o controle: ampliar os meios de manutenção da ordem nas ruas culminando, em última análise, na supressão das ruas (VELLOSO, 2022, p. 105).

2.2. PARTICULARIDADES DAS MANIFESTAÇÕES DE VANGUARDA NO URBANISMO E NA LITERATURA

Como dito anteriormente, neste capítulo, existem várias peculiaridades dentro do contexto das manifestações de vanguarda na América Latina. A cultura

é um elemento crucial no entendimento das modificações no pensamento urbano, no âmbito da construção de uma identidade. A construção dos sujeitos nesse processo, torna possível a existência de narrativas que são afetadas de várias formas pelos cenários resultantes da produção material da cidade, dito isto, as modificações sobre a análise da cidade partiram de movimentos, a constituição de cenários mínimo de identidade, visto que não existia um eixo consolidado que estruturava os processos de estas manifestações não saíram ilesas de serem contaminadas por outros processos.

De acordo com Lefebvre (2010), se comparada a cidade a um livro, não é possível desligarmos a mesma do sistema de representação por qual suas características mais elementares, como a produção material e, principalmente as características urbanas que contornam a cidade como um sistema completo em si. Um sistema semiológico, que não é passível de isenção ou imparcialidade. A intenção dessa reflexão não é discriminar ou descrever o processo das manifestações de vanguarda na América Latina uma a uma, mas sim mediar e explorar os seus significados essenciais e os reflexos das mesmas nos ambientes urbanos das cidades latino-americanas.

A resposta cultural a um problema específico da modernização americana traz o classicismo como resposta a uma vanguarda que tem a necessidade, a fins de expressão cultural, de produzir uma essência cultural (GORELIK, 2020, p. 06). Nesse sentido, Gorelik (2020) coloca que esta é a mesma resposta que Borges dava a sua celebração do subúrbio,

[...] nessas margens da cidade Borges faz com que a cidade moderna recupere suas chaves mais arcaicas, as que provêm do pampa, mas através de uma língua que aposta no futuro: por isso se caracterizou tão bem esse período borgeano com o oxímoro de “criollismo urbano de vanguarda”, cujo caráter paradoxal deve ser inclusive potenciado com a inclusão da vocação classicista. Em segundo lugar, essa construtividade explica o apelo ao Estado, característica decisiva nas duas vanguardas

arquitetônicas e urbanas mais importantes [...] (GORELIK, 2020, p. 06)

O autor também coloca que as vanguardas mais importantes sobre o ponto de vista identitário formador foram a vanguarda brasileira e a mexicana, no entanto durante este processo houve cortes, o corte principal foi com a arquitetura acadêmica, sendo assim, a égide para as vanguardas momento foi a arquitetura de Estado.

Nesse sentido, a vanguarda encontra um aliado fundamental, o Estado, dotando a arquitetura acadêmica de um imaginário que impactaram as modernizações territoriais e urbanas encaradas, na época, como desafios contemporâneos. Desse modo, por meio da criação de nações e nacionalidades, foram construídas no século XIX, na década de 1930, juntamente com a reestruturação do sistema econômico internacional, as vanguardas e assim se deu o início de um novo papel público e foi construído um sistema econômico nacional integrado. Nesse momento, começa a se observar que a aliança com o Estado promovia o desenvolvimento de uma conspiração nacional mais ampla e mais complexa do que aquela que desempenhara na imposição da ordem e do progresso. Essa figura da modernização preencheu as formas de vanguarda com um fascínio simultâneo pelas tradições que as estabeleceram. Essa estrutura difusa é o terreno comum sobre o qual o Estado e a vanguarda constroem um ao outro. (GORELIK, 2020, p. 06)

3. PANORAMA GERAL DA URBANIZAÇÃO NA AMERICA LATINA

Nas elaborações sobre as origens do subdesenvolvimento e da urbanização precária no contexto latino-americano, várias são as postulações que se articulam na tentativa de descrever as suas origens. Castells (1973) se utiliza de questões quantitativas sobre a evolução da concentração populacional no território. Nesse sentido, o autor aborda que esse aumento populacional produziu interferências significativas nas urbanizações, como o desenvolvimento exponencial dos centros urbanos sem o planejamento e investimentos adequados.



Figura 1 – Representação da América Latina

Fonte: Elaborado pela autora.

Este aumento populacional exponencial nas cidades na América Latina, fez com que houvesse a necessidade de um desenvolvimento imediato que atendesse as novas estruturas de concentração populacional. Assim, a urbanização na América Latina se deu primariamente através de movimentos de ocupação do território. Podemos pensar, diante disto, que os índices de aumento populacional nas cidades culminaram em uma necessidade maior por moradia nestes centros urbanos.

Assim sendo, posterior ao êxodo rural massivo e ida para os centros urbanos em busca dos serviços que os centros populacionais tinham a oferecer, as cidades passaram por períodos de grandes e drásticas modificações forjadas de uma forma quase instantânea, pela grande necessidade de abrigo para os novos habitantes das cidades.

Desse modo, Castells (1973) descreve este aumento populacional nas cidades além de abordar questões como o imperialismo e estruturas econômicas e políticas vigentes já no começo do século XX. O autor descreve também a estrutura da urbanização na América Latina, citando os movimentos de ocupação do território e conseqüente demanda por moradias devido aos índices de aumento populacionais nos espaços urbanizados das cidades.

Assim sendo, não é difícil perceber que a urbanização latino-americana teve um desenvolvimento abrupto, tendo em vista questões como a colonização dos povos ainda dominados por sistemas tardios ligados as suas dependências, que reflete ainda um cenário de exploração do capital, dependência econômica em relação às ditas metrópoles e pouca capacidade de articulação e desenvolvimento. Nesse sentido, Castells (1973) considera que a existiu um momento predecessor à urbanização no território latino-americano, onde os processos de urbanização acelerada ainda não tinham tido força, no começo do século.

3.1. URBANIZAÇÃO LATINO-AMERICANA

De uma forma geral, a colonização pôde explicar questões básicas no processo de subdesenvolvimento da América Latina. Segundo Botas (2018), em

1980, o pensamento que mais se aproximou de uma perspectiva decolonial foi o de Marina Waisman. Nesse sentido, a autora já chamava a atenção para autonomia latino-americana, evitando fazer os discursos reproduzirem hierarquias já estabelecidas previamente, e chamava a atenção para a necessidade de um pensamento autônomo sobre a produção arquitetônica latino-americana.

Posterior ao começo do século XX, segundo Carrasco (2011), a partir do resultado da produção da Arquitetura Moderna Brasileira voltada às elites, às grandes corporações e ao Estado não resultou em uma produção com o mesmo empenho para o urbanismo em outras esferas sociais. Com isto, há um papel preponderante das elites na formação da identidade do território, além do forte vínculo com os ideais do Estado.

No final do século XX, houve o importante estabelecimento de grupos de intelectuais que trouxeram luz as questões próprias da América Latina como dimensão do pensamento. Segundo Ballestrin (2013), no final dos anos 1990, foi constituído o grupo Modernidade e Colonialidade, constituído por intelectuais latino-americanos. Sob o ponto de vista da autora, o grupo realizou um “movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais”. Nesse sentido, Zambrano (2015) coloca que discussões resultaram na constituição do grupo de intelectuais que começou a organizar os Seminários de Arquitetura Latino-Americana, os SALs, entre o período de 1980 e 1990. Nesse sentido, respectivamente os intelectuais formaram um grupo visando entender questões próprias do colonialismo da modernidade e no segundo caso voltadas aos estudos dos desdobramentos da representatividade de uma arquitetura e tipologias próprias para a produção de uma identidade latino-americana. Assim, ainda que os grupos comparados entre si tenham uma natureza distinta, ambos os grupos pensaram identificações para minorias e de característica de pouca representatividade estabelecidas.

Consequentemente, a busca da construção de um discurso próprio para a América Latina e os Seminários de Arquitetura Latino-Americana foram importantes para a construção de uma identidade latino-americana para o mundo. Os grupos foram formados por intelectuais que estiveram presentes em várias frentes da discussão cultural, em vários segmentos epistemológicos.

Nesse sentido, em relação aos seminários, Waisman fazia um primeiro movimento identitário recusando algumas tipologias arquitetônicas importadas da Europa, rejeitando a receita eurocêntrica e defendendo uma articulação tipológica própria.

Assim sendo, ainda dentro do escopo da formação de uma identidade cultural, Schwarz (1992) comenta sobre a complexidade que cada elemento, que cada componente da história urbana contém. O autor coloca que cada objeto não é apenas um objeto e sim um significante dentro do contexto urbano. Uma praça não representa apenas uma praça, mas um conjunto de possibilidades e representa além disso uma porção da vida, assim como as obras literárias. Neste projeto de urbanização e, desse modo, pensando no mesmo, vinculado a ideia de direito a literatura (CANDIDO, 2011) abordada anteriormente neste trabalho, dentre as décadas de 1950 e 1960 quando o movimento operário ebulia no Brasil, na tentativa de rompimento do analfabetismo por meio dos movimentos sociais trabalhistas na época, segundo Schwarz (1992), este episódio foi extremamente significativo pois colocou o proletariado dentro das letras, mais que dentro do mundo das letras e dentro do discurso fazendo que os mesmos tocassem em questões mais fortes e complexas do que simples associações de sílabas em letras e em palavras.

Segre (1983) aborda de maneira mais quantitativa essa progressão populacional nos centros urbanos e movimentações populacionais rurais, abordando o êxodo rural como um fenômeno marcante para a evolução na vida das cidades e por sua vez conformação nos centros urbanos, constituindo territórios metropolitanos. Levando em consideração que a literatura é um fenômeno essencialmente urbano, é constituído sempre de um complemento nunca uma estrutura de um único objeto, assim, nesse sentido, podemos perceber que as análises do território inicialmente eram de ordem geográfica, segundo Segre:

Las características del medio rural han sido estudiadas con mayor énfasis en el orden geográfico y económico que en términos humanos y sociales. La vida rural se asocia con arquetipos forjados por la

literatura — el gaucho de la Pampa, el campesino indígena del Perú andino o de Yucatán, el aislado nómada de la caatinga— en una visión que valoriza la relación hombre-medio físico por encima del condicionamiento explotador-explotado. (SEGRE, 1983, pg. 119)

No entanto, Segre (1983) aborda as perspectivas do eixo cultural latino-americano e as ideias predecessoras à constituição intelectual de uma vanguarda. Entretanto, apesar de o autor abordar o eixo cultural, o mesmo não transcende esta lacuna e o faz com certa simplificação dos assuntos. Desse modo, desenvolve pouco o que tange o eixo cultural em seu discurso. Segundo o autor, nos primeiros estudos geográficos sobre a América Latina são deixadas de lado outras questões importantes, como questões culturais, políticas, sociais e econômicas. Entretanto, quando o autor aborda e, de certo modo, limita a dimensão cultural e literária na construção da sua abordagem dos discursos culturais menos recentes. À vista disso, estabelece, em seu discurso, que a literatura do começo do século seria constituída de uma dimensão “folclórica”, referindo-se as principais produções latino-americanas de literatura do período.

“Se niega así el vínculo entre ambos elementos como partes de un sistema político, social, económico y cultural, que impone visibles contradicciones en todos los órdenes de la vida social.” (SEGRE, 1983, pg.119)

Apesar de seu avanço para o discurso no sentido da apreensão sobre diversos eixos importantes, é possível observar através das obras latino-americanas de literatura que os discursos não são homogêneos nem lineares, pois a perspectiva da literatura latino-americana é vasta e diversa e não pode ser colocada em apenas uma definição esgotadora.

A perspectiva da literatura latino-americana do início do século não possui apenas uma dimensão folclórica. Segundo Cândido (2006), podemos pensar

além das literaturas, distinguindo-o das manifestações literárias, que segundo o autor são importantes para entender mais elementos da interação inter-humana. Ainda segundo o autor, para que haja um entendimento do sentido que é dado em seu texto à palavra formação, à considera assim um sistema. Esse sistema, formado pela interligação de obras, permite observar características internas como língua, tema e imagens, próprias da natureza social e psíquica do que faz a literatura um aspecto orgânico de uma civilização.

Dito isto, em relação ao meio que se insere para essa comunicação inter-humana descrita por Candido (2006), uma literatura pode produzir diferentes interpretações de esferas da realidade. Ao se pensar em uma comparação entre as vanguardas históricas na Europa e as vanguardas latino-americanas, segundo Gorelik (2002), as vanguardas na América Latina tinham antes uma forte questão de identidade nacional a ser resolvida, esta identidade ainda precisava existir e com isto fez com que os processos de subjetivação intelectuais vanguardistas acabassem de uma forma ou de outra mediados pelo Estado.

No processo de urbanização brasileiro entre os anos 1960 e 1970 do século XX, segundo Carrasco (2011), a estrutura do planejamento e desenvolvimento urbanos produziu um modo de vida funcionalista, voltado essencialmente ao processo de produção. Nesse sentido, resultando na utilização do urbanismo como ferramenta para expansão do processo de produção do espaço urbano, com o espaço urbano como matéria prima para esses processos. Assim, o autor coloca que o espaço da vida é subtraído, excluindo a subjetividade do cotidiano e resultando na apreensão do cotidiano apenas como mercadoria.

Assim, no processo de urbanização como um todo houve perdas. É possível considerar que existam perdas no processo de formação da cultura, estas perdas na produção do conhecimento ao longo dos séculos tentaram setorizar os conhecimentos, através da racionalização do espaço. Assim, sobre esse questionamento é possível que tenham fomentado uma organização e análises tecnicistas sobre as cidades, se preocupando menos com as questões culturais e subjetivas nos espaços urbanos. E desse modo, têm sido decisivas

para termos perdido, ao longo do século XX, a capacidade de reconhecer e incorporar diferentes modos de vivenciar e produzir a cidade nos processos tradicionais de planejamento e projeto urbano. Dentro deste pressuposto, podemos pensar que partindo da ideia de que não é factível se desligar de alguns campos do conhecimento e ainda assim obter-se uma análise total e perspectiva sobre as cidades, como também é complexo fragmentar os discursos sobre cidade excluindo as retóricas construídas pelas literaturas produzidas neste período. Ainda que existam limites na apropriação do espaço por parte das narrativas literárias, elas avançam na apreensão crítica da sociedade fazendo com que seja feito um redesenho cultural deste recorte.

3.2. UM OLHAR DA LITERATURA SOBRE A URBANIZAÇÃO

Em linhas gerais faz-se necessário ampliar o panorama teórico e crítico a respeito do processo de urbanização na América Latina, nesse sentido, a utilização de outra narrativa será utilizada nesta subseção para expor pontos sobre a construção dos sujeitos, retomando a dinâmica proposta e discutida no capítulo 02 desta dissertação. Já que as discussões em torno da ideia do exercício de narração servem como suporte à construção de sujeitos, faz-se necessária a pesquisa das particularidades das manifestações sociais ou urbanismo e na literatura contribuíram ou interditaram a construção de uma ideia de direito a cidades e a literatura.

Buscando a retomada dos aspectos do cotidiano, a narrativa serve de apoio na realidade representada, nesse sentido, o texto selecionado para a reflexão deste subcapítulo é um texto que aborda a narrativa de uma mulher no México no século passado, mais precisamente nos anos 1960 e mostra a exploração feminina nessa narrativa que além de ser latino-americana é um registro oral da exploração do trabalho feminino e de seus desdobramentos no cotidiano das mulheres. Muitas são as formas de exploração do trabalho feminino, que mesmo as revisões históricas relacionadas ao capital não alcançaram, revisão de questões relacionadas ao território e divisão de terras não foi inserido o caráter de revisão histórica relacionada ao tempo feminino gasto no cotidiano com atribuições relativas ao cuidado e ao serviço não tido como remunerável.

A autora propõe, dentro de seu panorama analítico, uma metodologia de inclusão do discurso marginal com bases em aspectos ficcionais e extrai dele elementos que compõem o cenário habitacional da época, fazendo assim com que seja possível recuperar os acontecimentos com base em fatos históricos reais.

A literatura, assim como a arquitetura compõe a cultura urbana, e neste se dá a produção de cenários e possibilita a criação de narrativas. Nesse sentido, podemos pensar, segundo Usandizaga (1995) que há verdades incluídas em um discurso de ficção que podem ser aproveitadas para a construção de espaço real da época narrada, visto que há uma base real na literatura de testemunho. Ainda segundo Usandizaga (1995), Elena Poniatowska em seu livro, remonta um espaço marginal vivido por mulheres lavadeiras no México dos anos 1960.

De todos os modos, o interessante do livro é a constatação da marginalidade de um importante setor da sociedade mexicana, nem somente as vinculações desse grupo com a história mais íntima do México, as promessas não cumpridas que eles receberam da revolução, sem a poderosa vitalidade com que emergiram ao mundo, o lugar que chega a ocupar para o leitor que tem conhecimento do sistema de valores e com a cultura que de forma dinâmica parece andar em círculos. Porque no relato desse sistema de valores, não assume sem discussão, e esta discussão produz uma estrutura de diálogo que gera um discurso desenganado e recheado de humor ácido, entretanto, não resignado (UZANDIZAGA, 2010).

Nesse contexto, é importante registrar o surgimento de uma voz que surge das próprias mulheres em um contexto de desigualdade extrema, para registrar e evidenciar, como testemunho pessoal de fatos empíricos cotidianos, a questão cerne dos discursos que separam os que estão numa posição de privilégio às famintos e bem alimentados no conjunto do continente latino-americano: No conjunto da obra dessa autora, observa-se o emudecimento e exclusão social das narrativas femininas no processo de construção das identidades nacionais. Nessa perspectiva, nas últimas décadas, a representação literária da exclusão social tornou-se um tema evidente pela vertente dos estudos culturais e da crítica social. Entretanto, a produção acadêmica na linha dos estudos relacionados aos temas de planejamento e estudos urbanos ainda é recente e breve. Assim, é

possível perceber as zonas de contato que o eixo cultural estabelece entre apropriação cultural e a capacidade de produzir narrativas.

Ainda que este ensaio se trate de uma abordagem de certa amplitude de escala, a intenção foi aproximar assuntos correspondentes da produção da cidade latino-americana, na tentativa de iniciar a produção de uma discussão com foco em uma abordagem transnacional, voltada para incluir os eixos culturais da América Latina e produzir a retomada do cotidiano marginal nos discursos urbanos, contribuindo para esta discussão.

Nesse sentido, segundo Castro (2018, p.03), para ser avaliada com concisão a abordagem transnacional das cidades latino-americanas, e por consequência, da literatura, trata-se de analisar as “boas práticas” e sua historicidade com base em três indicadores, a resistência à sua definição, a sua aceitação ou inércia e as suas modificações. Sabendo que assim, que a historicidade desses processos urbanos reside em seus caracteres mutáveis e em seus resultados, de certa forma.

4. LITERATURA, PROJETO E INTERVENÇÃO

Diante de um universo tão heterogêneo como o da produção literária latino-americana e com a intenção de fazer um estudo que direcionasse a reflexão contemporânea sobre a cidade no sentido de possibilitar a caracterização de cenários, realidades e processos urbanos a partir dessa literatura, mostrou-se necessária a escolha de algumas passagens que pudessem cumprir esse papel.

Assim, a pesquisa se detém em obras literárias produzidas ao longo do século XX, devido à natureza das obras literárias que surgem nesse período e à sua relação com um contexto cultural do qual os debates sobre arquitetura e urbanismo também tiveram relevância. Essa produção cultural progressista fez com que diversos eixos da produção literária latino-americana pós anos 1950 assumissem um caráter mais próximo de relação com a dimensão e cenários urbanos.

Gorelik (2005) apresenta uma interpretação a respeito de uma caracterização geral que coloca as cidades latino-americanas como uma construção cultural. Esta formulação é um dos argumentos que direcionam este trabalho, visto que a análise procura se dar dentro deste recorte territorial. Segundo o autor, a construção da ideia de uma cidade latino-americana faz sentido se a pensarmos como uma construção cultural, porém nunca como conceito integral. À medida em que estas cidades também possuem um universo de particularidades distintas, o que as torna extremamente diferentes entre si.

“A cidade latino-americana não pode ser tomada, então, como uma realidade natural, como uma categoria explicativa da diversidade de cidades realmente existentes na América Latina. Assim, devemos constatar, ao mesmo tempo e de modo inverso, que a ‘cidade latino-americana’ existe, mas de outra forma: não como uma ontologia, mas como uma construção cultural.” (GORELIK, 2005, p. 112)

Assim, as cidades também assumem o caráter simbólico de lugar onde se produzem e se manifestam distintos imaginários, acessando outros domínios subjetivos da paisagem e do significado das coisas que de fato possam ser materializadas.

Nesse sentido, Ítalo Calvino em seus textos literários desenvolve uma série de reflexões sobre determinados aspectos da cidade. Na obra *Cidades Invisíveis* ele afirma que “Os olhos não vêem coisas mas figuras de coisas que significam outras coisas” (CALVINO, 2002, p.14). Podemos perceber também, segundo o autor, que existem estruturas de repetição nas paisagens urbanas sob o ponto de vista da observação literária e da constituição de memória. Dito isto, um exemplo disto é um trecho sobre as cidades invisíveis: “A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir” (CALVINO, 2002). Aqui percebemos que enquanto espectadores da urbanização e da vida na cidade somos atores da de sua construção, pois cedemos existência e significado aos lugares.

Em se tratando de literatura, podemos pensar nas narrativas que trazem consigo o significado de períodos da formação do território brasileiro. À vista disso, existem autores que fazem uma ponte entre arquitetura e literatura dentre os críticos literários. Um exemplo disto é Roberto Schwarz, que desenvolve uma perspectiva crítica a partir da qual é possível analisar as relações entre a sociedade brasileira e a arquitetura e urbanismo por ela produzidos. Em seus escritos, Schwarz se vale de narrativas para construir um panorama da sociedade na época e contextos sociais em que a narrativa em questão foi formulada.

Neste sentido, temos como exemplo o texto “As ideias fora do lugar” (SCHWARZ, 1992), no qual ele utiliza-se um argumento essencialmente literário, construído a partir da obra de Machado de Assis, para ilustrar a sociedade escravagista e exploratória do Brasil no século XIX (SCHWARTZ, 1992). Além do contexto político, evidencia também as relações sociais, também essenciais para se compreender as características do processo de produção do espaço urbano daquele período.

É possível considerar que determinadas obras estabelecem relações de reconhecimento de situações urbanas entre o leitor e as personagens. Visando estabelecer uma relação entre o universo em que se vive e o que somos capazes de descrever, é possível refletir sobre a apropriação do espaço por parte de quem lê uma obra. Utilizando um trecho do livro *Primavera num Espelho Partido* de Benedetti (2018), podemos observar em sua obra que o autor, em um dos heterônimos, descreve, em alguns momentos, o mundo sob o ponto de vista do que seria o pensamento de um outro; em outros narra como se fosse em primeira pessoa. No trecho selecionado o autor narra sob o ponto de vista de sua filha, descrevendo a partir de seu ponto de vista o que seria o exílio, durante o período da ditadura no Uruguai. Neste capítulo, chamado *Este País*, ele coloca dois tipos de países no pensamento dela

Este país é maior que o meu, sobretudo porque o meu é bem pequenininho. Neste país vivem meu avô Rafael e minha mãe Graciela. E também outros milhões. É muito agradável saber que se vive em um país com muitos milhões. Quando Graciela me leva ao centro, passa um monte de gente pela rua. É tanta tanta tanta gente passando que parece que já conheço todos os milhões deste país. Nos domingos as ruas ficam quase vazias e pergunto onde terão se metido todos os milhões que vi na sexta-feira. (BENEDETTI, 2018, p. 89)

Além disso, podemos conhecer São Paulo com João Antônio, visitar Buenos Aires de Jorge Luís Borges e desenvolver leituras pessoais de nosso próprio território urbano. É possível considerar, desse modo, que obras disponíveis na literatura podem orientar nossa percepção sobre determinados aspectos do espaço urbano.

“É andar. E andar. Osasco, Lapa, Vila Ipojuca, Água Branca, Perdizes, Barra Funda, Centro, Pinheiros, Lapa, na volta. Roteiro é este, com alguma variação para as beiradas das estações de ferro, dos cantos da Luz, dos escondidos de Santa Efigênia.

Também um giro lá por aquele U, antigamente famoso, que se fazia entre as Ruas Itaboca e Aimorés, na fervura da zona do Bom Retiro.” (FILHO, 1994, p. 72)

Estas são algumas das relações entre textos literários e a produção e apropriação da forma urbana passíveis de serem exploradas utilizando como categorias de análise a paisagem, o espaço habitado e o processo de produção do espaço urbano como uma rede. Utilizando a analogia de rede, os elementos que constroem as narrativas urbanas muitas vezes são indissociáveis entre si.

Acontece, que apesar de existir a tentativa de relacionar movimentos literários aos fatos urbanos, ainda existem autores que resistem à catalogação e às leituras definitivas. Ainda assim um exemplo da literatura latino-americana que mensura em seus textos grande capacidade de articulação com o ambiente urbano e que por isto chama a atenção para o viés expressivo da cidade é Roberto Bolaño. Em suas obras o autor tece uma construção de narrativa onde seus personagens se aproximam bastante de uma experiência de errância urbana.

[..] andamos um pouco na direção do meu hotel, quase como se caminhássemos à deriva, tanto que estávamos nos afastando do rumo, e à medida que avançávamos (mas para onde?), alguns dos rapazes foram se despedindo, apertavam minha mão e se iam (de seus colegas se despediam de outra maneira, ou assim me pareceu), pouco a pouco o grupo foi se tornando menos numeroso, e continuávamos falando, falávamos, falávamos ou, pensando bem agora, talvez não falássemos tanto assim, eu retificaria e diria que pensávamos, pensávamos [...] (BOLAÑO, 1998, p. 167)

É importante recordar que no final dos anos 1950, num contexto pós-guerras, entrava em ebulição uma produção centrada na contracultura, que se posicionava contra as correntes hegemônicas vigentes naquele momento. Uma

das principais foi a Internacional Situacionista, a IS, que desenvolveu importantes contribuições na crítica ao urbanismo que se produzia naquele momento. De acordo com Jacques (2003):

“A Internacional Situacionista (IS) – grupo de artistas, pensadores e ativistas – lutava contra o espetáculo, a cultura espetacular e a espetacularização em geral, ou seja, contra a não-participação, a alienação e a passividade da sociedade. O principal antídoto contra o espetáculo seria o seu oposto: a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no da cultura. O interesse dos situacionistas pelas questões urbanas foi uma consequência da importância dada por estes ao meio urbano como terreno de ação, de produção de novas formas de intervenção e de luta contra a monotonia, ou ausência de paixão, da vida cotidiana moderna. A crítica urbana situacionista permanece assim, em sua essência, pertinente. (JACQUES, 2003, p. 13)

Como critério de escolha das obras da literatura latino-americana únicas que pudessem ilustrar a dinâmica nas cidades, procurou-se como norteador do trabalho a apreensão da vida urbana proposta pela Internacional Situacionista, pautada pela crítica à ideia da tábula rasa e à carta de Atenas, ao funcionalismo, à racionalidade cartesiana e a “museificação” das cidades.

“A corrente mais conservadora, pós-modernista tardia, neoculturalista, radicaliza a preocupação pós-moderna com as culturas preexistentes, e preconiza a petrificação ou o pastiche do espaço urbano, principalmente de centros históricos, provocando uma museificação e patrimonialização principalmente nas cidades europeias, e o surgimento da cidade-parque-temático e da disneylandização urbana em particular nos

Estados Unidos, que seriam exemplos típicos da cidade-espetáculo. (JACQUES, 2003, p.14)

Outro exemplo que se aproxima das questões apontadas vem, segundo Gorelik (2019) da literatura de Cortázar.

“E essa mesma confiança na sincronização da cidade com a cultura contemporânea pode ser percebida em fontes bem diferentes: no modo irreverente como a literatura de Cortázar confunde tempos e lugares.” (GORELIK, 2019)

Segundo Jacques (2003), no arquétipo situacionista, a cidade entrava novamente na esfera das obras de arte. As noções defendidas pelas proposições situacionistas organizavam ideias com expressões superadoras à ideia modernista de que a cidade e a arquitetura revolucionariam a forma da vida em sociedade. (JACQUES, 2003) No entanto, a concepção situacionista faz a proposição oposta e diz que só haveria uma mudança significativas nos padrões da arquitetura e, por sua vez do entendimento de urbanismo, se houvessem mudanças da sociedade em relação às formas de vidas impostas por projetos dentro do escopo dos ideais modernistas. Nesse sentido, a sociedade entra como um fator determinante da urbanização, de mesmo modo algumas obras de literatura latino-americanas contemporâneas se direcionam para esse grande jogo de reinterpretação da cidade.

Segundo os Situacionistas, o espetáculo nada mais é que esse reinado autocrático da economia mercantil e a redução da vida humana ao valor da economia e suas leis. A contemplação, ou seja, a não intervenção é completamente oposta ao sentido da vida. Naquela época os situacionistas não aspiravam os subsídios da pesquisa científica, meios intelectuais dominados com outros assuntos, cooptados pelas hegemonias de poder. Letristas queriam a superação da arte, explicar como se deu a internacional letrista, como começou até virar internacional situacionista. Para o situacionismo a não intervenção é diferente da vida. Segundo Jacques (2003), Debord define a cultura como reflexo e a prefiguração do emprego dos meios que uma sociedade dispõe. A cultura moderna ficou atrasada em relação ao desenvolvimento de seus meios. O atraso

na mudança das supra estruturas, igual a como a cultura pode atrasar a mudança na base da sociedade.

Com sua dinâmica literária marginal, alguns autores conseguem ilustrar a dinâmica da invisibilidade de narrativas, e assim, conseguem tirá-las da invisibilidade, colocando-as dentro do discurso e contextos urbanos. A apreensão da construção de sujeitos através do reconhecimento e identificação, devolve o que a marginalidade tirou da cena urbana. Autores da literatura se utilizam de discursos que colocam a violência em evidência, escolhem por um tipo de linguagem e utilizam a ferramenta literária para ilustrar um recorte temporal.

É possível começar esta reflexão com articulação das ideias que aparecem dentro das obras dentro de níveis de linguagem. A linguagem como estruturante das narrativas reúne uma variedade de códigos que expressam contextos outros, que voltados ao diálogo técnico urbanístico se tornam faltantes nos aspectos culturais. A indução de novas práticas urbanas depende de veículos emissores de narrativas culturais na cidade que se constituam como fundamento destas práticas. Nesse sentido, segundo Candido (2006), a linguagem dá a possibilidade de interação entre uma série de criações e sinais, além de dar viabilidade para um ser humano interagir com outro. Desse modo, as interações viabilizadas pela linguagem criam aspectos que constroem subjetivamente o espaço, além de encadear a construção de narrativas e desenvolvimento material das cidades. Desse modo, serve ao desenvolvimento dos cenários e estabelece estrutura cronológica resultantes desta inter-relação.

A corrente dita progressista, neomodernista, retoma alguns princípios modernistas – sem a mesma preocupação social ou a utopia dos primeiros modernos – principalmente a ideia de Tabula Rasa, e faz a apologia da grande escala (XL) e dos espaços urbanos caóticos, geralmente periféricos ou de cidades da periferia mundial: *junkspaces*, cidades genéricas, cidades-shoppings ou espaços terminais do capitalismo selvagem, que têm como paradigma as novas cidades asiáticas ou africanas, e que também são mostradas de uma forma totalmente espetacular” (JACQUES, 2003).

Assim sendo, a intenção é abordar por esta perspectiva de que cada elemento de uma narrativa possui significação e sentido dentro do processo de urbanização das cidades latino-americanas, e vice-versa. Desta forma, é preciso procurar e explorar estas conexões e compreender como elas se realizam e se inserem dentro do contexto latino-americano.

5. ESTUDO DE CASO: UMA LEITURA URBANA DE PELOTAS

Em relação ao lugar do urbanismo na literatura na atualidade, o trabalho procura direcionar e conduzir os estudos observando a potência das narrativas literárias para a construção do lugar (NORBERG-SCHULZ, 1980). Tanto o lugar da imaginação quanto o espaço urbano, produzido como cidade.

A literatura, de uma maneira geral, se apresenta com certa capacidade de avançar no sentido da apropriação e construção dos espaços dentro das narrativas. Estas construções apresentam a possibilidade de um progresso mais imediato a um novo cenário, o que resulta, em aspectos mais sensíveis à realidade e ao tratamento da questão temporal, conduzindo o leitor na passagem do tempo que o autor propõe, fazendo com que ela seja percebida através do texto, delimitando a narrativa dentro do recorte proposto pelo autor.

A narrativa literária permite digressões e aproximações temporais sem a necessidade da produção de uma análise composta de variáveis quantitativas que muitas vezes dizem mais a respeito de situações isoladas do que de um contexto significativo como um todo.

Indiferente, nem resignado, nem destemido,
meu corpo seguiu direto para a estação de trem,
movido pelo instinto de estar percorrendo não um
círculo, mas uma espiral. Ele acreditava que, em vez
de se fechar, aquela espiral estaria elevando-o a uma
outra. (RAMIL, 2008, p. 17)

Em vias disso, a pesquisa se propôs a estruturar e recolher fragmentos de obras literárias durante o processo de escrita, com a finalidade de escolher uma que dirigisse o estudo. Nesse sentido, o encadeamento destas passagens de literatura prioriza, em seu aspecto mais lógico, uma relação direta com a cidade. Dito isto, há uma ênfase inicial na busca por aspectos do lugar que tenham sob pano de fundo questões relacionadas à descrição de um cotidiano em fragmentos nos quais há expressão da literatura em sua característica mais simples de narração do espaço a ser imaginado pelo leitor.

Assim, a organização deste capítulo da dissertação se dará da seguinte maneira: primeiramente, este texto tem a intenção de introduzir o conteúdo do livro que será objeto deste estudo de caso. Na sequência do capítulo haverá o desdobramento da narrativa-objeto em elementos próprios do texto em como o autor coloca a cidade e, assim, conectar a narrativa observada da cidade de Pelotas em comparação com outras narrativas que são capazes de ilustrar processos urbanos.

Assim sendo, durante o processo de pesquisa foi observada a necessidade da produção de um estudo de caso para melhor entendimento seguir destas relações. Posto que, históricos de obras literárias foram observados para dimensionar um recorte exequível no tempo desta pesquisa, de modo que, o resultado posterior desse processo resulta em um estudo de caso de uma obra de literatura escolhida, com base na proximidade com a produção cultural e material. Por questões de apropriação e de apreensão do território, se escolheu uma obra que possibilitasse a associação direta entre aspectos físicos e aspectos culturais da cidade de Pelotas.

Desse modo, o trabalho irá se apropriar da cidade de Satolep, a partir do livro Satolep, de Vitor Ramil. A escolha do objeto de estudo permite que a literatura seja explorada enquanto ferramenta de leitura de um contexto conhecido, para que dessa forma seja possível desenvolver uma análise que articule elementos teóricos e empíricos. Dito isto, a escolha da obra se deu dentro da prévia seleção de outras obras de literatura latino-americana¹, e assim como estas, trata-se de uma obra desse universo cultural.

Aproximei-me das vidraças do café Aquário, mas estavam tão embaciadas que apenas a luz intensa do interior garantia não se tratar de uma continuação da rua. (RAMIL, 2008, p. 36)

¹ Obras que foram trabalhadas no processo de discussão e construção da pesquisa, na ordem, respectivamente, os nomes das obras e seus autores: Os Detetives Selvagens (Roberto Bolaño), O Sonho do Heróis (Adolfo Bioy Casares), Casa de Loucos (João Antônio), O Aleph (Jorge Luis Borges), Cem Anos de Solidão (Gabriel García Márquez) e Satolep (Vitor Ramil).

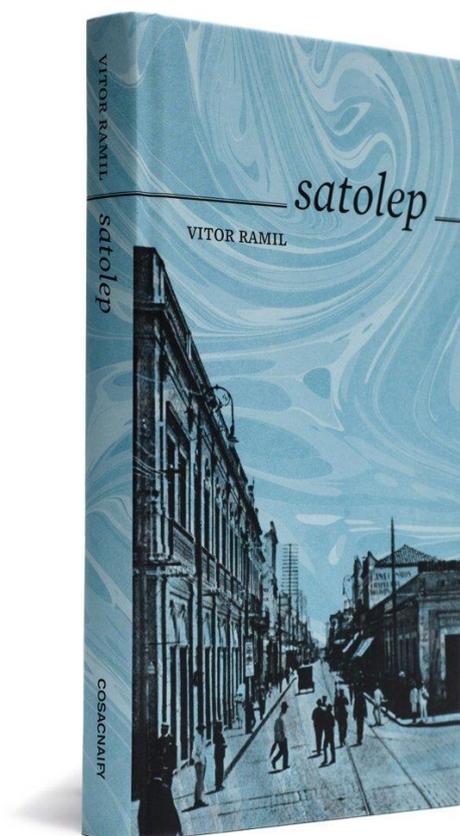


Figura 2 – Obra de análise

Fonte: Google Images.

As ambiências que cada obra de literatura sugere podem ser percebidas através dos lugares em que as personagens percorrem e pelos encontros que as mesmas têm. Neste caso, no texto, a porção descrita da cidade do imaginário do autor acaba coincidindo com uma porção da cidade onde a produção e apropriação de cultura está aberta apenas para alguns. Devido a esta seleção, fica evidente a contradição da lógica social estabelecida na dinâmica urbana proposta, com o intuito de promover, reiterar e assentar lógicas existentes. Dito isto, é possível partir da discussão sobre a consolidação cultural de um lugar onde a desigualdade é derivada de uma sociedade escravista.

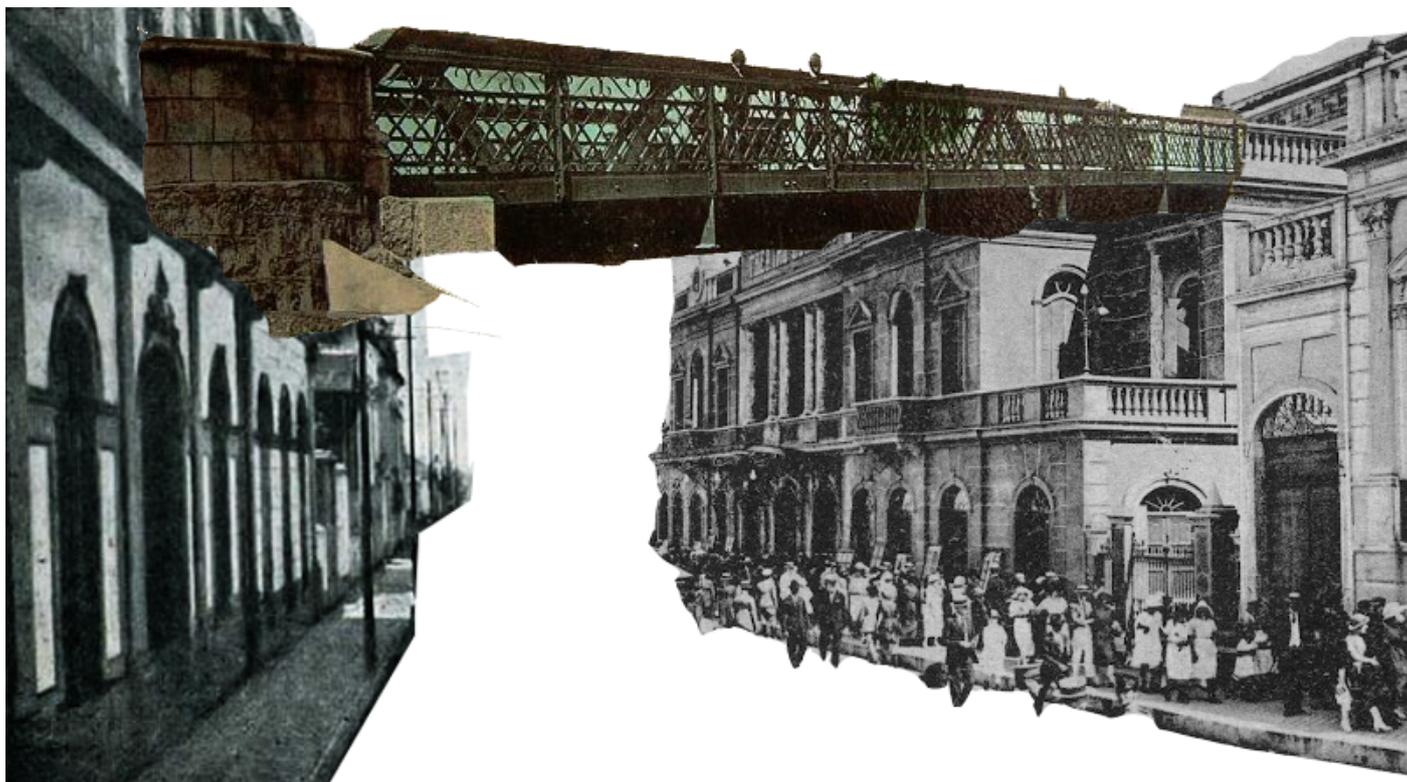


Figura 3 – Colagem 1

Fonte: Elaborado pela autora.

A intenção durante o estudo foi produzir uma deriva cartográfica a partir da obra, entendendo o que as narrativas “mostram” e o que elas “escondem” sobre os conflitos passados e presentes na cidade de Pelotas, permitindo então uma abordagem sobre a perspectiva urbana desenvolvida.

Aproximei-me das vidraças do café Aquário, mas estavam tão embaciadas que apenas a luz intensa do interior garantia não se tratar de uma continuação da rua. (RAMIL, 2008, p. 36)

Inicialmente, dentro do conjunto de percepções iniciais sobre a obra, é possível descrever que a porção estabelecida dentro da narrativa trata das

imediações da cidade de Pelotas. Nesse sentido, a cidade do imaginário e, por sua vez, a porção de estudo, recorta os limites municipais da mesma.

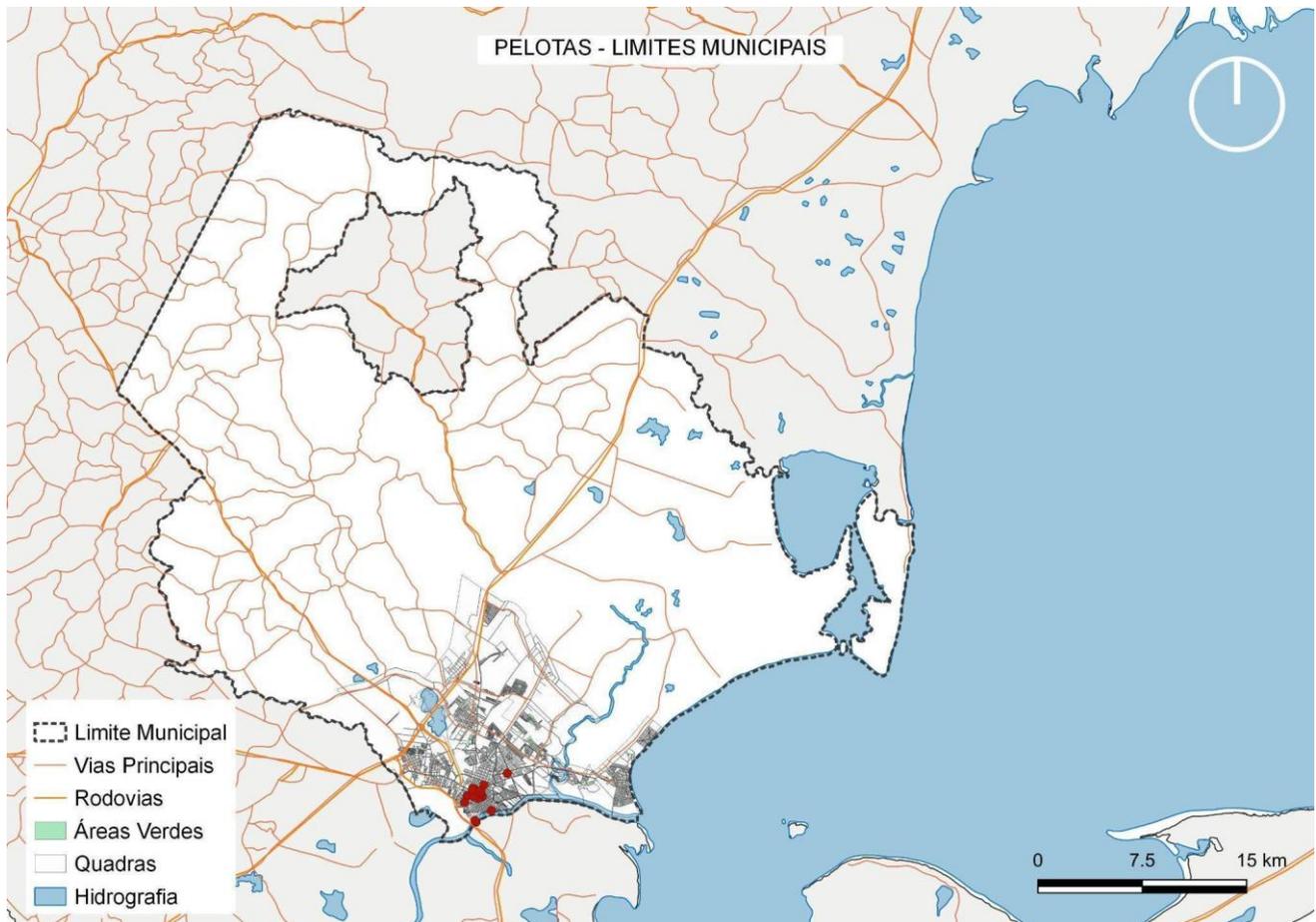


Figura 4 - Mapa Limites Municipais Pelotas

Fonte: Elaborado pela autora com base de dados do Laboratório de Urbanismo (LabUrb – FAUrb – UFPel).

Para tanto, é preciso evidenciar alguns direcionamentos que foram fixados para o desenvolvimento desta reflexão. O percurso de leitura é uma interpretação dos elementos narrados na obra de literatura, a análise a seguir busca ser análoga a uma errância (JACQUES, 2012). Sem pormenorizar, uma errância descreve uma ação, como por exemplo um encontro, ou uma caminhada. Dessa maneira, dentro das ações que errâncias podem descrever estão “flanâncias, deambulações e derivas” (JACQUES, 2012), nesse sentido, a

analogia com as características da narrativa faz se possível através da descrição das características dessas ações errantes. Através da experiência estas ações têm caráter desorientado, lento e ambulante. Dito isto, a personagem faz um percurso em relação à cidade da obra que se mostra em vários momentos errante. Desse modo, adentrando aos meandros da significação dos estudos sobre derivas urbanas pelas cidades, inicialmente é importante destacar o papel dos estudos sobre as imagens formadas pela sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997, p. 14). De acordo com Debord (1997), o espetáculo não são imagens, mas uma relação interpessoal mediada por imagens, assim sendo, para efeitos de estudo, as análises desta pesquisa estão baseadas nas errâncias contidas nos espaços narrados, ao invés de ser uma análise direta aos elementos narrados.

As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, de forma que a unidade da vida não mais pode ser restabelecida. A realidade considerada *parcialmente* reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo *à parte*, objeto de pura contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo. (DEBORD, 1997, p.14)

Entretanto, neste caso, ainda será observado o conjunto textual como narrativa, no entanto, para efeito da análise urbana, este tópico da pesquisa descreve a adaptação destas narrativas aos seus cenários urbanos (JACQUES, 2012).

A deriva cartográfica, ou também chamada deriva urbana, é articulada como o produto de uma errância voluntária pelas ruas. Segundo Jacques (2012), “No Brasil, tanto os artistas modernistas dos anos 1920 e 1930, quanto os tropicalistas dos anos 1960 também erraram pela cidade de forma crítica.” Dito isto, serão organizados estudos sobre a narrativa pensando em uma possível aplicação a outras obras de literatura, problematizados por alguns cenários de

contraposição e contraste. A pesquisa também passou pela observação de narrativas complementares para posterior construção desta reflexão, nesse sentido, a procura se consolidou também em narrativas de outros autores e, se existem outros tempos dentro ou fora dessas narrativas que estão à margem. Por fim, fazer uma análise dessa estrutura e produzir associações.

5.1. CONSTRUINDO UMA LEITURA URBANA DE PELOTAS A PARTIR DO LIVRO SATOLEP, DE VITOR RAMIL

Costumeiramente, a escala do objeto arquitetônico é mais valorada como o ponto central da construção estética das cidades. E, com certa frequência, em relação ao objeto, é tida também como mais relevante na crítica da composição da paisagem urbana latino-americana. Entretanto, não se pode deixar de mencionar que, a escala do objeto urbano, em relação ao lugar da arquitetura e urbanismo na literatura, pode ser igual ou mais importante para a construção subjetiva do lugar que a escala de arquitetura. Nesse sentido, este trabalho procura direcionar e conduzir os estudos observando a potência das narrativas para uma construção analítica e crítica da paisagem cultural, tanto o espaço da imaginação quanto o espaço urbano, produzido como cidade.

Para fins de entendimento deste capítulo da dissertação, é necessária a convenção de alguns conceitos para evitar a confusão entre termos com certa similaridade de significado semântico, mas que podem ser interpretados de forma equivocada no contexto desta pesquisa.

Para tanto, essa capacidade de construir um universo e torná-lo real através de um texto será chamada de paisagem cultural. Nesse sentido, este conceito será mais bem desenvolvido na sequência deste tópico. Segundo Norberg-Schulz (1980), a paisagem dita cultural, é resultado de um processo de significado em cima da paisagem natural de origem, assim sendo, esta paisagem está vinculada a um significado atribuído a uma paisagem capaz de encontrar um significado na sua totalidade natural. A escala do modelo existencial segundo Norberg-Schulz (1980) é a do homem e, portanto, um plano horizontal perfurado por um eixo vertical. No plano, o homem intervém, cria centros, caminhos e domínios que compõem o espaço concreto de seu mundo cotidiano, nesse

sentido, o termo paisagem cultural sugere uma série de níveis oriundos do espaço natural (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 20).

De acordo com Norberg-Schulz (1980), a paisagem natural se torna paisagem cultural quando é possível experimentar com concretude os fenômenos naturais, como a produção material por exemplo, nesse sentido, se utiliza de qualidades luminosas naturais para explicar a construção de alguns espaços internos e criados pelo homem. Nesse sentido, explicita um mundo de qualidades poéticas de luz, que inspirou as paredes luminosas das catedrais góticas e as pinturas impressionistas de Monet. O autor fala também que essas qualidades são adquiridas através da observação, como por exemplo o sol forte e quente preenche o espaço e traz à tona as qualidades plásticas das formas e coisas naturais. Como consequência, a arte, e neste caso, em relação às artes plásticas, a abordagem é relativa às artes plásticas, concentram sua atenção no objeto escultórico e compõem os ambientes com objetos que formam o imaginado, desses objetos luminosos, inspirados na paisagem natural. O resultado deste processo de observação da natureza e posterior transformação em “imagem” ou “cena” é um ambiente composto por objetos discretos uniformemente iluminados.

Ele olhou a rua, depois de tanto tempo. A quantidade de luz nas calçadas era a mesma que penetrava pelas frinchas das janelas ainda fechadas. A extensão da rua, cujos limites não divisava. Aproximei-me das vidraças do café Aquário, mas estavam tão embaciadas que apenas a luz intensa do interior garantia não se tratar de uma continuação da rua. (RAMIL, 2008, p. 36)

Norberg-Schulz (1980) fala também que, em geral, a terra é o "surto" onde ocorre a vida cotidiana do homem. Até certo ponto, pode ser controlado de forma final, e resulta em uma relação amigável, a paisagem natural torna-se assim paisagem cultural.

Alguns conceitos de urbanismo tentaram dar conta de explicar como um todo os processos que ocorriam nos espaços que recebem as expressões sociais do homem no universo, a “cidade é artefato, coisa complexa, fabricada e historicamente produzida” (MENESES, 1996, p.149). Além disso, segundo Menezes (1996), em relação à construção das cidades fala que:

[...] além de artefato, coisa material produzida pelas práticas sociais e por toda a atuação de um campo complexo de forças, a cidade também é *representação*. As práticas sociais (que produzem artefatos e também procuram neles reproduzir-se) não se fazem às cegas, mecanicamente ou por instinto. Esta intervenção concreta do homem no universo real é orientada pelas representações sociais, sempre presentes. (MENESES, 1996, p. 149)

Assim sendo, alguns fenômenos da intervenção antropológica, como interação dos objetos construídos em relação às pessoas, não conseguiam ser explicados dentro de lógicas concretas, os quais em sua maioria tendiam a ficar subordinados a reflexões rasas e que não contemplavam o espaço urbano, como o cotidiano, por exemplo. A fenomenologia surge neste contexto tentando explicar observação empírica sobre os espaços construídos, sejam eles abertos ou externos, o que faz com que outras lógicas após formuladas sejam derivadas destas iniciais e, a partir disso, torna possível estudos posteriores entre diferentes áreas.

O garçom, mais uma vez, aproximou-se e informou que o café ia fechar. “Aos caminhos de pedra”, propus, convidando-o a nos retirarmos. Ele vestiu seu casacão e jogou a manta de lã por sobre o ombro esquerdo, encobrindo a gravata branca de piquê. Depois foi até a janela e escreveu SATOLEP no vidro, debaixo dos nossos nomes, dando-se ao trabalho de grafar espelhando as letras uma a uma, fazendo-lhe lembrar a forma como nos

encontráramos. “À lá Cité!”, exclamou. E saímos.
(RAMIL, 2008, p. 63)

O conceito de fenomenologia proposto por Husserl (2008) consiste em uma investigação sistemática da consciência e seus objetos. Este conceito de fenomenologia foi utilizado como método por Norberg-Schulz (1980), se utiliza dos elementos do ambiente feito pelo homem, por um lado, são todos “assentamentos” de tamanhos variados, de casas a fazendas, de vilarejos a cidades e, por outro, são o caminho que os conecta, além dos diversos elementos que transformam a natureza, numa paisagem cultural. Nesse sentido, a lógica do conceito redescoberto do retorno às coisas mostra que tudo são abstrações, e que os instrumentos que foram construídos pelo homem para explicar os fenômenos urbanos, como a estrutura de expressão e representação gráficas criadas até agora muitas vezes cabem para atender outros propósitos, aqui cabe ressaltar todas as finalidades cartesianas das organizações projetuais, que não a vida cotidiana, nesse sentido, é possível reforçar o alcance da literatura nesse enquadramento de coisas concretas que constituem nosso mundo, mas que se inter-relacionam de modo contraditório e complexo.

Assim sendo, é possível afirmar que a vida cotidiana é constituída de fenômenos concretos, descritos como elementos que a compõem. Em linhas gerais, podem ser mais e menos abrangentes em termos de escala, correspondem às pessoas, animais, flores, árvores, água, cidades, casas, portas, janelas e mobílias, entre outros (NESBITT, 2008).

Estes fenômenos podem, além disso, ser também menos tangíveis, como os sentimentos. De natureza igual, outros fenômenos podem abordar a passagem do dia, de certo modo, nesse sentido, há uma digressão no conceito em relação a tudo aquilo que pode ser observado como concreto. Ainda, é possível de alguns fenômenos poderem abordar outros.

Em relação à análise proposta neste capítulo, a intenção é explorar a paisagem cultural através de uma narrativa literária. A literatura, de uma maneira geral, se apresenta com certa capacidade de avançar no sentido da apropriação e construção dos espaços dentro das narrativas. Em linhas gerais, a descrição

passa por aspectos com direta associação ao cenário imediato de contato que aquele que vê a cidade é capaz de produzir. Nesse sentido, no caso de um estudo sobre a obra *Satolep*, alguns locais podem ser representados e vinculados com uma relativa fidelidade à cidade comparada, pois o autor permite que seja construída uma associação possível com a cidade de Pelotas.

Atravessei a rua e entrei na Livraria Universal para comprar dos seus livros, *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul*. Dali fui diretamente ver a casa à luz do dia. (RAMIL, 2008, p. 71)

Desse modo, o trabalho irá se apropriar da cidade de Pelotas, através do livro *Satolep*, de Vitor Ramil, publicado no ano de 2008 pela editora Cosac Naify. Em síntese, a obra fala de um cidadão em *Satolep*, que está tentando se reconhecer novamente com a cidade após um longo tempo distante geograficamente da cidade.

Conforme comentado anteriormente, a escolha dessa obra se deu por se tratar de uma obra latino-americana e sobretudo por a pesquisa ter sido idealizada e escrita em Pelotas. Em consequência disso, por tratar-se de uma obra local, possibilita uma aproximação com cenários físicos de correlação possível em uma análise urbana. Nesse sentido, a intenção é produzir uma breve sequência cartográfica a partir da obra, entendendo o que a narrativa desenvolvida pelo autor "mostra" e o que ela "esconde" sobre os conflitos passados, presentes e futuros no espaço urbano da cidade de Pelotas.

Em um segundo momento no texto, então, serão abordadas relações indiretas de construção do espaço, que demonstram uma relação maior com aspectos implícitos no texto, como os deslocamentos e encontros da sequência apresentada na obra. Desse modo, há uma ênfase inicial na busca por aspectos do tecido urbano que tenham sob pano de fundo questões relacionadas à descrição de um cotidiano em fragmentos onde há expressão da literatura em sua característica mais simples de narração do espaço a ser imaginado pelo leitor.

5.2. UMA ABORDAGEM GERAL DA OBRA E TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VITOR RAMIL

Este subcapítulo tem a intenção de elaborar uma análise mais ampla da produção do artista, explicando o contexto em que a obra em análise citada na seção anterior se insere e, desse modo, ilustrando o percurso necessário pra entender e situar como um todo a obra literária Satolep, do autor. O autor publicou as novelas Pequod em 1995, Satolep em 2008 e A primavera da pontuação em 2014; o ensaio A estética do frio - Conferência de Genebra em 2004; e dois songbooks: Vitor Ramil em 2013 e Campos Neutrais em 2017².

Ainda que sua produção literária seja modesta, ela possui uma forte relação com a cidade de Pelotas e seus entornos imediatos. Desse modo, existe certa correlação entre um texto e outro em sua obra, com algumas sobreposições e interligações dentre os títulos publicados pelo autor, respectivamente.

O livro Satolep, de Vitor Ramil, publicado em 2008, é parte constituinte da trajetória do autor e vem de uma sequência de publicações nas quais ele ensaia narrativas que descrevem o extremo Sul do Brasil.

Assim sendo, desde o começo de sua trajetória, apresenta, em linhas gerais, segundo Ramil (2008) uma estética do frio. Em consequência desta estética, a observação do autor, parte de um certo padrão racionalista, geometrizado, que estaria intrinsecamente relacionado ao frio.

No manuscrito “A Estética do Frio” que é seguido pelo subtítulo “Conferência de Genebra” foi apresentado pelo autor em francês no Théâtre Saint-Gervais em Genebra, Suíça, em 19 de junho de 2003, como parte do programa Porto Alegre, outro Brasil³ (RAMIL, 2004). O texto configura um ensaio, com a intenção de reunir informações para uma apresentação,

² O conteúdo deste trecho está fundamentado com base no site <https://www.vitorramil.com.br/livros> acesso em 10 de agosto de 2022.

³ No texto original o autor coloca o nome do programa na língua francesa, para facilitar a compreensão no decorrer desta dissertação, foi utilizada uma tradução, o título original em francês é *un autre Brésil*.

No ponto em que o mesmo busca explicar as questões relacionadas com o Sul do Brasil e com a cultura do povo gaúcho, existe uma articulação voltada a uma busca por certos padrões de comportamento e estética, fazendo certa analogia com a busca de padrões relativos à uma relação cultural de costumes e saberes típicos e que afetam a urbanização das cidades latino-americanas. Segundo Villoro – (2000), casos como o dos livros Cem anos de Solidão e Os passos perdidos, trazem consigo experiências culturais fundacionais da expressão de suas personagens em relação às paisagens culturais que existem, respectivamente, em suas obras. Além disso, faz certa aproximação com regiões fronteiriças ao território do Sul, no texto há uma aproximação e identificação com estes dois limítrofes, a Argentina e o Uruguai.

Diante da sua exposição e de muitas considerações elaboradas a partir de um saber empírico local sobre como o clima é capaz de produzir um afastamento do restante do Brasil em termos comportamentais nesses habitantes do sul, o autor coloca alguns exageros de sentido sobre o distanciamento do clima local em relação ao restante do Estado.

Do tema, a estética do frio, não se pretende, em hipótese alguma, uma formulação normativa. As idéias aqui expostas são fruto da minha intuição e do que minha experiência reconhece como senso comum. (Ramil, 2004, p.08)

A descrição da abordagem que o autor desenvolve consiste em expor, em sua apresentação sobre o Brasil, mas em um continente diferente e com certo afastamento geográfico e, de forma breve, pode-se dizer, temporal. O autor coloca que sua experiência é vivida como senso comum, sendo que é um olhar com o recorte social, demarcado, fixo e inerte. Da mesma forma que o recorte social, tem-se o recorte de raça e gênero, que não são nenhuma surpresa, visto que a personagem descreve uma experiência de um homem, segundo Federici (2022, p. 200), as mulheres são as mais afetadas pela expropriação do espaço urbanizado, em vista disso, as mulheres sofrem diretamente as consequências das políticas públicas em seu cotidiano e, dentre estas estão as políticas urbanas. A personagem da narrativa, coloca o seu eu como o principal olhar e

sugere a forma de ver a cidade, porém com desatenção ao desenvolvimento integral do espaço urbano que narra.

O que correspondia tão bem à idéia corrente de brasilidade, falava de nós, mas dizia muito pouco, nunca o fundamental a nosso respeito. Ficava claro porque nos sentíamos os mais diferentes em um país feito de diferenças. (Ramil, 2004, p.13)

A percepção sobre as diferenças culturais é válida e a abordagem deste autor nessa subseção é articulada a esse ponto positivo, a habilidade de ilustrar o território através de uma narrativa capaz de ser testemunho local dos acontecimentos e costumes.

A apreensão da América Latina como território integral, pode nos conduzir ao pensamento de uma unidade espaço não mensurável na escala da literatura, dada a heterogeneidade da literatura latino-americana como dito anteriormente, é fato, que a América se constitui através da sua multiplicidade nos variados campos.

América Latina queda más lejos y llega en los cambiantes y coloridos envases de sus granos de café y sus discos de salsa. Esta lejanía hace que en el campo cultural satisfaga una curiosa necesidad del imaginario europeo: la utopía del atraso. (Villoro, 2000, p. 93)

Nesse sentido, podemos perceber dentro do recorte que o autor seleciona para evidenciar esta cidade como um lugar homogêneo, reticulado. De acordo com Yunes (1995), só a característica reticulada necessita de um complemento para seu total entendimento, na cidade de Pelotas, na porção que o autor descreve em sua narrativa, a primeira urbanização de Pelotas é evidenciada.

Assim, a partir das nomeadas “imagens do frio”, e mais, da observação minuciosa das linhas, formas, volumes, texturas, cores nas paisagens urbanas e

rurais, associadas às frequentes e inconstantes variações climáticas da região situada no extremo meridional do Brasil, avançando para além do território e cruzando as fronteiras dos vizinhos países Uruguai e Argentina, foi sendo elaborado o lugar denominado Satolep. Desse modo, Satolep não se limita ao espaço da geografia física, mas é construído como o lugar resultante de lembranças, esquecimentos, ilusões e de desejos transformados em linguagem. Trata-se da apropriação afetiva do espaço para a construção de um novo lugar cuja função é a representação de valores estéticos e que oferece ao leitor uma nova possibilidade de leitura dos fenômenos culturais sob a égide da Geografia Literária. (CORRÊA, 2013, p. 19)

É fato que a estética do frio contorna todo o caráter que a literatura inventada por Vitor Ramil assume e, esta estrutura acaba perpassando as outras obras do autor, ao pensar no desdobramento da cidade da narrativa em relação ao ambiente descrito pelo autor, é possível perceber que se trata, em linhas gerais, de um recorte onde há distinção de gênero e classe.

5.3. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA CIDADE DE SATOLEP

A partir dessa seção do trabalho começa uma aproximação direta com o texto da obra de literatura escolhida para o estudo de caso. Ao observar diretamente a narrativa em si e o que ela conta sobre o espaço construído e sobre o desenho urbano dessa cidade que é mais que uma cidade de referência com base na cidade local, esta cidade é uma Pelotas com seus elementos e suas reflexões. Observando com mais atenção a narrativa em si, as conexões dos elementos narrados com o entorno criado

No começo do livro *Satolep*, a personagem principal chega a um lugar não muito bem definido. Aos poucos o lugar vai sendo descrito, em uma sequência. Assim, neste percurso, descobrimos que este sujeito chega a *Satolep*, estabelecendo certo distanciamento em relação ao lugar ilustrado através da narrativa. *Satolep*, a rigor, não tem a intenção de representar Pelotas em um marco temporal pré-estabelecido, a paisagem urbana é constituída de eventos que são compostos de elementos variados, esses elementos estão relacionados com lugar é a interação com o espaço urbano.

Entretanto, é neste momento que esta figura central vai estabelecendo relação com os elementos encontrados durante o percurso, descrevendo seus encontros. Nesse sentido, para entender o protagonismo da cidade nesta e em outras narrativas é preciso entender a natureza do lugar, e em como isso influencia sua composição. Segundo Velloso (2022):

É evidente que a forma arquitetônica faz a mediação entre o habitante e o espaço da cidade. Por forma poder-se-ia entender, numa abordagem preliminar, a volumetria das edificações que compõem e modelam a paisagem, constituindo fatos na tessitura urbana. Pensar a interface entre arquitetura e cidade demandaria, portanto, considerar o objeto, inicialmente, pelo viés imagético. (VELLOSO, 2022, p. 260)

E por isto podemos entender que,

No entanto, a forma não é um termo restritivo e simplista como se apresenta. Na realidade, a forma compreende não somente a face pública das edificações, mas principalmente sua interioridade, seus interstícios e excentricidades urbanas. Os espaços interiores são potencialmente os lugares nos quais é possível revelar a forma entendida

amplamente como a junção da materialidade arquitetônica - estética, materiais e apropriação. (VELLOSO, 2022, p.260)

Entretanto, é neste momento que esta figura central vai estabelecendo relação com os elementos encontrados durante o percurso, descrevendo seus encontros. No decorrer destes encontros existe uma passagem por pensamentos que o protagonista tem sobre os elementos da cidade com os quais se depara, além de alguns desabafos. Nesse sentido, discorre sobre como o clima influencia em suas emoções ao longo da trajetória percorrida no livro, contribuindo para a ilustração e apreensão da cidade através do caminhar.

A organização deste trabalho procura entender e buscar formas possíveis de utilizar o contexto de cidade nos imaginários dos autores destas obras complementares, com o objetivo de estruturar a análise em relação aos objetos urbanos que foram de alguma maneira conteúdo para a produção das mesmas.

A partir disso, na reflexão será incluída outras realidades relatadas nas obras de literatura, com o objetivo de mostrar contrastes de outras narrativas com um objetivo comum, a ilustração do de seus respectivos contextos e como se deu a construção do imaginário dessas cidades nestas e propor uma reflexão baseada em fatos decorrentes destas narrativas. Estas aproximações nos permitem entender algumas relações que cada autor estabelece com o espaço narrado. O objetivo é fazer um pequeno relato sobre outras realidades, indicando principais diferenças na forma de representação e, principalmente, colocar em evidência outros contextos, com a intenção de promover uma construção sobre o espaço narrado e de forma que possibilite a relação com outras obras, como uma forma de fomentar e estimular a reflexão nessa linha, além de produzir repertório em relação ao objeto do estudo de caso.

Nesse sentido, o processo de produção do espaço urbano da cidade de Pelotas descreve uma trajetória de constituição e sedimentação de desigualdades. Uma vez firmadas, estas desigualdades, além de perpetuadas, foram articuladas dentro do espaço urbano. Passando a funcionar então como

função intrínseca no desenho urbano, onde desde a organização das estruturas viárias ao planejamento foram destinadas às áreas de mais alta renda.

Há a recorrência no desenvolvimento da obra da descrição de uma cidade nas imediações do perímetro da primeira urbanização de Pelotas, assim Corrêa (2014), aborda que a geografia é parte importante da conceituação sobre a cidade e, de fato, a geografia foi a primeira ciência capaz de observar os movimentos sobre o território, no entanto, o planejamento urbano, por sua vez, devido sua multidisciplinaridade mostra-se capaz de trazer avanços no sentido da incorporação, tem sido incorporador de vários aspectos importantes sobre as manifestações urbanas e seus deslocamentos.

Com o intuito de produzir uma leitura cultural contra hegemônica, é possível pensar que uma cultura é composta de diversos eixos estruturadores a respeito da formação de um conjunto de conhecimento, ações, comportamento, crenças e costumes. Gorelik (2005) escreve quando esta produção está à tona, produzindo uma identidade para a América Latina. Neste contexto, junto de outros autores, elementos são organizados a fim de estruturar o que se pode chamar de teoria da dependência. Destas teorias contra hegemônicas podemos pensar também na teoria crítica, que, em linhas gerais, pode ser caracterizada brevemente como a produção ou um resultado da chamada Escola de Frankfurt. Walter Benjamin desenvolve sua obra neste contexto. Por não ser monolítica, sua obra estabelece aproximação com várias áreas do conhecimento, sendo uma delas a literatura. Benjamin (1994), descreve em um capítulo chamado O narrador, características próprias daquele que narra um espaço, mostrando que há a necessidade de um certo afastamento por parte daquele que narra, que escreve.

Argan (2005) coloca que nenhuma cidade é fruto da produção ou do processo de nenhum ser superior, que uma cidade, é, acima de tudo, produto de uma história. Ao encarar as cidades como fruto de processos que evoluem em si das características coletivas podemos assim pensar na narrativa e em como a estrutura histórica contribui para a consolidação de uma memória e, nesse sentido, para a constituição de um modelo que se transforma em algo espacial e de fato transforma o meio urbano. Existem várias formas de se criar uma

abordagem a partir de um conceito, entretanto, para serem fixados alguns argumentos nesta reflexão são necessárias serem estabelecidas algumas das questões fundamentais em torno do objeto desta reflexão, que são as narrativas. Assim, pode-se desenhar uma estrutura básica de análise com base no conceito benjaminiano de narrativa.

Utilizando o livro *Satolep* como narrativa a ser transposta sobre a cidade de Pelotas, uma questão que aparece é a de como esta narrativa é capaz de problematizar em si possíveis conflitos urbanos presentes na cidade e, deste modo, como dito anteriormente, quais conflitos e relatos, que estão à margem deste discurso, esta narrativa poderia estar ocultando. Nesse sentido, é possível desenhar a trajetória desta narrativa, através da base de espaço físico por detrás da intenção de mostrar a cidade de *Satolep* com uma outra ótica, sob um outro ponto de vista. Esta *Satolep*, que é em si uma cidade de Pelotas de outro tempo, onde a narrativa é percorrida de um alguém que chega à cidade, sob uma perspectiva de fora, no entanto ao decorrer da narrativa este narrador estabelece uma conexão com elementos do cenário inventado, demonstrando reconhecimento do espaço. Neste instante, é possível perceber que este viajante se reconhece cada vez mais na cidade. Nesta continuidade, esta personagem – que é o centro da narrativa – passa a colocar sua visão de mundo, demonstrada por aquele que é o descritor deste espaço, é um indivíduo que já conhece a cidade e, nesse sentido, é capaz de reconhecer elementos materiais no ambiente urbano descrito. Então, uma leitura crítica à visão do ambiente urbano descrito pelo usuário desta *Satolep* é hábil em despertar ao leitor um sentimento de urbanidade em relação ao centro, fazendo daquele que descreve, parte do cenário descrito.

O livro em si, em uma perspectiva geral, é capaz de ilustrar um viajante por uma cidade de Pelotas como pano de fundo, apesar de o autor em sua obra romper com a temporalidade. O livro *Satolep*, se propõe a de contar uma narrativa de um viajante, um transeunte e um passageiro. É importante evidenciar que em momento algum o autor afirma que se trata de Pelotas. No decorrer do texto, o autor também estabelece relações diretas com hábitos regionais, como por exemplo a hora do chimarrão, e também com um certo reconhecimento de uma volta para casa. Há durante o percurso da personagem

certa sociabilidade com os encontros proporcionados pela chegada à cidade elaborada pelo autor. Desse modo, é possível, através da sua obra, pensar em um percurso do indivíduo pela cidade, um transeunte como o próprio autor chama em sua narrativa. Nesse sentido, esse indivíduo que deriva pela cidade, que em certos momentos parece uma Pelotas do passado, é capaz de ilustrar um cotidiano de alguém que se apropria no centro e não está à margem, apesar de um discurso em sua maioria mais centralizado, esta centralidade retoma um poder de força no centro, espaço físico que em uma narrativa atual já teria perdido certa força.

Esta personagem que inicialmente parece não conhecer a cidade, muda sua posição na continuidade da obra, nesse sentido, ainda que seja tênue a linha entre o conhecimento desse cidadão sobre a cidade que ele habita, a rigor, nenhuma obra de literatura tenha a intenção de em si produzir uma problematização sobre o espaço urbano, entretanto, é a intenção deste trabalho desdobrar este contexto imaginado com o fim de descobrir estas dinâmicas de configuração do espaço e apreensão da cidade pré-estabelecidas. O que existe, em alguma medida, é uma discussão que passa sobre a construção patrimonial pelotense, que perpassa sobre os costumes e contorna alguns assuntos relacionados ao contexto das edificações históricas. No entanto, existe uma vasta realidade patrimonial e excludente, que está à margem de um discurso onde a centralidade é amplamente masculina, detendo a possibilidade de falar sobre a cidade. Num cenário patrimonial geral, a reflexão acerca do patrimônio material e imaterial constantemente passa por revisões, visto que a reconstrução das sociedades passadas vem cumprir um papel especial sobre a cultura material das sociedades atuais. (SILVEIRA et al., 2022, p. 185)

As ponderações das ciências humanas e sociais aplicadas, de acordo com Silveira et al. (2022), permitem compreender comportamentos sociais e, desse modo, transcender à consciência de que o passado tem uma estrutura inerte e pré-estabelecida. Na relação estabelecida desta personagem com a cidade, não apenas faltam ouvidos atentos a todos os grupos, como também são escassos os diálogos com mulheres durante o decorrer da obra literária; as mulheres quando citadas, são inseridas não em diálogos, mas como lembrança ou partes de uma cena; o que acaba reforçando estes comportamentos sociais

obsoletos. Nesse sentido, surge a existência de grupos invisibilizados nas narrativas oficiais da cidade (RIETH, NETO e ALFONSO, 2018), desse modo, demandando reconhecimento de suas práticas, saberes e processos.

Na história da cidade, percebe-se a incapacidade e a relutância de perceber mulheres agindo de forma a contrariar noções sociais preconcebidas, as mulheres que andavam nas ruas eram alvo de julgamentos (KERN, 2021). Dessa forma, o conjunto de práticas sociais, foi fazendo com que a reprodução do ambiente urbano narrado seja um tanto parcial e segmentada.

Dentre as mais diversas faces que uma obra literária é capaz de assumir, algumas escolhas permeiam a construção da obra deste estudo de caso, a posição de não contar com integralidade social o espaço é uma escolha de perspectiva, não se trata de um ponto de vista diverso, reproduzindo alguns estereótipos.

A respeito dos aspectos físicos da cidade, o livro é poético em ressaltar de descrever os vários lugares em que o narrador passa, o começo da obra se dá na estação, uma antiga estação ferroviária, equipamento urbano atualmente revitalizado. Após este momento na obra a personagem percorre vários elementos arquitetônicos de importante conexão com a cidade, dentre eles o mercado público, o teatro, a praça, a catedral, o autor fala também da conexão da cidade com o porto e sobre o canal São Gonçalo.



Figura 5 – A Estação

Fonte: Acervo da autora.



Figura 6 – A Catedral, Catedral São Francisco de Paula

Fonte: Acervo da autora.

Nesta sequência, é legítimo pensar nos diálogos que este homem branco estabelece durante seu percurso, como uma conversa com um personagem cubano nesta viagem à cidade imaginada, onde neste momento, o autor aborda questões próprias sobre a criação da cidade e da relação desta construção urbana com a escravização dos povos africanos.



Figura 7 – Mercado Público

Fonte: Acervo da autora.

Durante a narrativa é possível perceber os lugares que ele frequenta. Neste sentido, temos a deriva deste flâneur, que é sempre representado por um homem com o adendo de que ele também só frequenta lugares essencialmente masculinos, como o Café Aquário, por exemplo. Desse modo, reforça como a obra pode esconder alguns tipos de narrativas. Mostrando ao final do livro, que quem escreve e tem a possibilidade de escrever textos é um homem. Por fim, este artigo reforça, ainda que de maneira breve, que obras literárias são capazes de contar sobre a cena urbana de uma cidade, possibilitando a problematização e pensamento no contexto em que estão inseridas. E, deste modo, que possam

existir narrativas complementares e estarem sofrendo um processo apagamento, sendo ocultadas.

Acerca da obra, é fundamental mencionar que neste percurso o autor não percorre as áreas periféricas da cidade, precisamente aquelas as quais vivem os descendentes destes povos escravizados. Do mesmo modo, ele visita e elogia uma igreja cristã, mas não dá visibilidade aos rituais religiosos de matriz africana que se apropriam do espaço urbano – especialmente cruzamentos de vias – até os dias de hoje. Dessa forma, torna-se pertinente questionar se estes lugares e manifestações culturais realmente existem, ou ainda, se são autorizadas pelo pensamento hegemônico de Satolep e do autor.



Figura 8 – Palácio Municipal para Satolep, Prefeitura Municipal para Pelotas

Fonte: Acervo da autora.

Nesse sentido, é significativo considerar a necessidade de certo afastamento e amadurecimento em relação à espacialidade e à temporalidade das obras literárias, ainda assim, é um convite à exploração destas e outras possíveis narrativas latino-americanas de latente exposição destas perspectivas, validando discursos a que durante muito tempo só ocorreria relatar os espaços interiores e, nesta linha, que possuíam menos acesso restrito ao contexto urbano e, posto isso, teriam menos possibilidade e escuta para narrar questões sobre o espaço urbano, logo, demonstrando, que ainda há muito a ser explorado sobre urbanismo dentro das obras literárias latino-americanas.

É importante lembrar que este indivíduo que se move pela cidade faz parte de um lugar que na narrativa é chamado de Porto de Rio Grande. Ele também esclarece as condições da chegada deste, além de dar algumas informações, como por exemplo, que viera de navio de onde anteriormente estava. Dentro de um contexto que se parece muito semelhante ao contexto das

idades reais Pelotas e Rio Grande podemos então estabelecer um vínculo de apropriação entre os significados desses elementos urbanos tanto para a narrativa quanto para a cidade de fato, como a proposta deste estudo de caso é estabelecer relações entre dinâmicas sociais apresentadas na obra faz-se necessária a correlação inicial e contínua aos elementos reais presentes ainda na cidade de Pelotas.

Muitos desses elementos, fazem parte de um conjunto de acervo histórico e patrimonial da cidade, sendo eles muitas vezes inventariados e em sua maioria dentro de um contexto de preservação quase que total, assim, o espaço urbano que o autor descreve em seu texto é um espaço que ainda pertence à cidade na atualidade e tem nesses elementos uma representação histórica das várias fases de urbanização da cidade ao longo dos tempos. Contudo, na narrativa há alguns processos de sentidos deslocados em relação à temporalidade do espaço, como por exemplo, o vínculo estabelecido com elementos que não fazem parte do contexto urbano da cidade há pelo menos meio século.

No processo de transição entre a chegada dessa personagem à cidade, a cena inicial do narrador desenha o centro deste aglomerado urbano que o autor ilustra de maneira descritiva e, ao fazer isto descreve parte da sua intenção ao fazer essa passagem e retornar ao território da cidade. Fazendo certa analogia, pode-se perceber muitas semelhanças entre as duas constituições de cidade, a realidade do tecido urbano na cidade de Pelotas. Além de evidenciar um percurso que o autor faz durante a narrativa, segue fazendo um recorrido geral por Pelotas começando então esse percurso pelo centro da cidade. O livro também é subdividido em partes, com uma leve semelhança com uma divisão de capítulos. Essa subdivisão é feita com páginas pretas que em sua maioria ilustram imagens históricas de edificações onde faz a descrição delas, não

fazendo parte da construção central da ideia do texto. Deste modo, para fins de estudo, serão desprezadas estas páginas intermediárias.



Figura 9 – Grande Hotel

Fonte: Acervo da autora.

5.4. ESTUDO DO CONTEXTO URBANO DA CIDADE DE VITOR RAMIL

Na sequência de desenvolvimento do texto há a aproximação da cidade, onde neste momento no centro da cidade o autor coloca o centro com certa ênfase, e assim não fala de áreas mais extremas da cidade. Ele inicia o seu percurso saindo da estação aonde vai até um hotel, chamado em seu texto de Hotel Aliança, em mesmo lugar geográfico onde hoje se tem a Galeria Zabaleta, ou seja, dentro do núcleo central urbano principal da cidade.

Após esse momento na narrativa, o autor vai até o Café Aquário, outro local onde também é possível essa associação com o centro da cidade e assim estabelecer um conjunto de elementos urbanos da cidade de Pelotas. Onde novamente, constrói essa narrativa em lugares onde apenas homens brancos acessaram e mostra assim que o desenvolvimento desta ideia no contexto desta obra faz alusão a um contexto branco e masculino. Dito isto, pode-se dizer que a obra em seu imaginário recria históricos de segregação nos espaços, e de também, esconder as outras narrativas que não fazem parte, o que não podem fazer, desse contexto urbano e com uma visão parcial do que se poderia dizer ou ilustrar da vida na cidade dentro dessa época recriada pela narrativa. Em linhas gerais, as pessoas que o personagem em sua deriva encontra, são pessoas que frequentam esses lugares segregadores, e por sua vez, ilustra o que se tinha como contexto.

A deriva então se dá a partir daí saindo do Café Aquário. É importante ressaltar que esse local ainda permanece vivo tanto na memória quanto na atualidade dos pelotenses e assim, continua a reproduzir as mesmas exclusões e aspectos sociais que está enraizado nas dinâmicas urbanas, e, para quem esses lugares são continuam a ser pensados.

A semelhança com o que existe na cidade hoje parece proposital, há uma busca e valorização por elementos da cidade que perduraram durante décadas,

elementos que em uma deriva, pode ser pensar, fazem parte do cotidiano. Nesse sentido, podemos nos apropriar da deriva literária daquele que olha a cidade do imaginário do texto e, assim como o pensamento situacionista, proporciona e avalia e pensa na deriva como um processo de errância, onde o indivíduo está na cidade à deriva. Nesse sentido, podemos pensar em alguns parâmetros situacionistas de comparação ou análise, para a associação da obra com a proposição proposta por este grupo, que entende os espaços com outra proposta de avaliação e apropriação.

Em uma abordagem equivalente a Situacionista, na deriva proposta pelo livro podemos percorrer os caminhos descritos dentro do texto, observando esses lugares onde acontecem esses encontros e onde a psicogeografia, que é o método, pôde ser articulada, desse modo, à medida que o enredo se desenrola sobre o tecido urbano, podemos perceber que a cidade não está como um todo, fazendo com que esta análise seja, de certo modo, fragmentada. Durante o próprio texto o autor propõe, “siga as pistas que a cidade lhe dá, o homem faz a cidade e a cidade faz o homem” (RAMIL, 2008, p. 46-47), dito isto, é possível perceber a intenção por detrás do texto deste percurso literário.

Por um caminho onde não se cita por um breve período do texto a cidade, relatos sobre a cidade de Pelotas são colocados como elemento de pensamento desse narrador durante as conversas que estabelece em seu percurso na cidade, neste espaço que segue, na ordem linear do texto, não é preciso o que o autor quer colocar no texto em relação ao espaço físico da cidade.

Como a intenção neste texto é percorrer o caminho traçado de maneira física na presença no personagem na cidade no plano principal da narrativa, ainda que sejam importantes em termos de significado os elementos que a personagem principal pensa e suas reflexões, para fins de análise sobre o percurso do mesmo, serão desprezadas as avaliações em pensamento subjetivo próprio do contexto imaginativo deste sujeito que narra a cidade e então, não serão absorvidos, e por sua vez, não será posto na construção desta cartografia,

comentários implícitos ou subjetivos (não diretamente vinculados à cidade) da avaliação da personagem durante o contexto.

Nesta análise, o que se quer absorver a partir do imaginário do personagem é sua concepção sobre a cidade, visão esta, que, de certo modo, corresponde também a uma visão parcial de como é a cidade, um testemunho hegemônico que é capaz de chegar a um lugar comum, um imaginário da cidade que ilustra enquanto possibilidade de encontros, dinâmica dos processos urbanos, observando os movimentos da cidade tanto materiais quanto sociais.

Na sequência deste inventário do livro, ele sai do café onde segue para o que se chamava de Livraria Universal e, de fato, foi uma livraria que existiu entre as Ruas XV de novembro e Sete de Setembro e, nesse sentido, temos mais um elemento posto na narrativa em frente ao café.

Deste modo, em relação ao tecido urbano, o narrador se desloca pouco neste trecho, evidenciando o que acontece no centro, em um recorte pequeno da situação do espaço urbano. Neste contexto, o autor se afasta do café e vai em direção ao que eles chamam de Palácio municipal e percorre inteira uma Quadra de Jardim central ao que tudo indica parece a prefeitura e a praça Coronel Pedro Osório.

Então nesse percurso urbano o narrador faz alguns comentários sobre a cidade, descreve basicamente a organização das ruas, assinala e qualifica espaços do tecido urbano central, fala de seus percursos que quase a totalidade são caminhando pela cidade, além disso, coloca em pensamentos sua vontade deslocamento pela cidade e o que aconteceria se ele percorrer algumas ruas como por exemplo a rua XV e assim após essa divagação esse personagem está novamente no hotel onde o café da manhã era servido, geograficamente apesar de o hotel está localizado, em tese, onde é a galeria Zabaleta atualmente, nesse sentido, o autor coloca sobre uma proximidade e cantoria dos pardais no Jardim Central que seria equivalente a praça Coronel Pedro Osório, enfim saídos do que no texto está como hotel, atravessa a rua e entra na livraria universal, (confunde, porque geograficamente os dois lugares na distinção do livro estão diferentes e a livraria não estaria ao atravessar a rua do hotel). Após isso, este

narrador vai ao que parece ser uma casa, nesta casa descreve elementos de arquitetura patrimonial como escaiolas, ladrilhos e pátio central, característicos da arquitetura patrimonial pelotense.

Neste complexo mundo da cidade de Satolep e na intenção do autor em expressar a cidade de uma forma ilustrada nesse imaginário que mescla a cidade real com a cidade inventada e, assim, confunde o leitor sobre essas equivalências. O personagem se desloca até o que chama de Livraria Universal, dali o personagem vai direto ver uma casa e ao falar na casa não especifica exatamente qual devia na cidade a personagem fez até chegar a este destino, assim sendo, esta casa, este elemento arquitetônico, se torna o centro dos acontecimentos que envolvem a dinâmica da casa com o indivíduo e a cidade. No texto, a casa faz uma ponte entre a personagem e o espaço habitado que vai se construindo a partir do momento em que o texto apresenta o reconhecimento direto do usuário com a cidade, outro parâmetro de abordagem masculina, a possibilidade de frequentar alguns espaços essencialmente urbanos.

A casa do texto possui janelas voltadas para o alinhamento predial e contorno, já dentro da casa, fala-se sobre a construção da cidade de Satolep, da história da cidade relacionada com a mão de obra escravizada.

“Esta Cidade foi construída por mão escrava. As grossas paredes, erguidas para proteger os brancos, guardam o espírito dos negros em seus tijolos. Terminada a explicação, o homem ficou quieto. Quando dei por mim, estava ajoelhado sobre uma lâmina de musgo verde e macio, à vontade como um morador, observando o dia à luz da casa.” (RAMIL, 2008, p. 73)

Entretanto, Vitor Ramil consegue estabelecer em seu livro um vínculo com o desenho urbano da cidade, através do ato de caminhar do narrador principal no seu texto, oferecer ao leitor uma retórica uma técnica de passagem por ambiências variadas (JACQUES, 2003). Assim, a personagem sai da casa e

caminha pela Rua XV até o Café Aquário e vai até uma edificação que chama de sobrado. Na passagem de uma ambiência para a outra, existe o deslocamento conectado pela caminhada ao passar pela cidade, o texto em si pouco cita questões sobre automóveis ou outros elementos que consomem a vida urbana em detrimento da ocupação de espaço público.

Ao priorizar o deslocamento através da caminhada o texto se relaciona com a cidade assim como a cidade se relaciona com o texto, em uma via de mão dupla é possível observar que questões sobre a cidade podem ser consideradas atemporais. Dito isto, é possível pensar na questão da permanência de algumas intervenções no território urbanizado e em o quão impactantes em termos de desenho urbano elas são.

Na sequência do texto, o autor aborda no encadeamento uma sequência de atividades relacionadas ao contexto da casa, após este momento vai até um castelo em construção acompanhar Selbor⁴. A localização deste lugar extrapola os limites do contexto urbano descrito. Deste modo, coloca como um lugar isolado, após este momento se desloca com algum veículo até a estação, localizada na cena fictícia no centro do contexto urbano descrito.

5.5. VISÕES DE SATOLEP EM RUÍNAS

Voltou ao centro, com a intenção de capturar o que acontecia e entender o que tinha levado a cidade a estar naquele processo. Nesse sentido, o autor não é muito claro sobre o tipo de processo de ruína que estava instalado em Satolep, na cidade inventada. Assim sendo, retorna à rua Paysandu (Rua Barão de Santa Tecla), passa no Café Aquário, entretanto não fica muito claro no texto, onde está na cidade o estúdio, também chamado de laboratório, onde a personagem trabalha. No entanto, ora aparece como parte integrante da casa, ora como muito próximo aos elementos da volta do chamado jardim central, que a personagem cruza várias vezes por ele.

⁴ Selbor é o nome da personagem principal, dado pelo autor na narrativa

E nesse meio tempo e confirmasse a tendência de os textos terem sempre o ambiente urbano como tema ou pano de fundo, e eu não precisasse abrir a pasta, então meu afastamento da cidade ganharia o significado de um recuo estratégico. (RAMIL, 2008, p. 153)

Deslocamento do narrador se dá por diversos cenários dentro da narrativa, em certo momento da mesma se move para uma fazenda remota, “terras dos arredores de Satolep” (RAMIL, 2008, p. 155), desse modo, se move até uma casinha isolada sobre pilotis ao longo do canal São de Gonçalo, indo para Rio Grande. Com isto, a alagadiço perigosamente próximo ao canal São Gonçalo.

Ao amanhecer do dia seguinte, observei demoradamente as porções de campo que ressurgiram como texturas de uma grande tela impressionista. Depois depusitei sobre a mesa da sala um dinheiro que carregava comigo, como pagamento por aquela estada prolongada. Deixei a casa. (RAMIL, 2008, p. 162)

O trem, a linha ferroviária, “andei sem medo um caminho até os trilhos do trem” (RAMIL, 2008, p. 199), nesse sentido podemos pensar nos deslocamentos em meios alternativos que o autor cita, como o canal São Gonçalo e a linha ferroviária desativada. Assim, o narrador também acessa à cidade através de ruas transitáveis de um bairro próximo ao canal, ao atravessar a ponte mostra que é possível observar a casa ao longe, isolada pelas águas.

Nesta travessia, observava-se “uma enormidade de casas inundadas, as ruas transformadas em afluentes de um grande lago” (RAMIL, 2008, p. 200). O narrador descreve que embarcações pequenas transitavam por estas ruas, ao invés de carros, bondes ou charretes. Além disso, neste momento do texto, é

enunciado um fenômeno da natureza que atingia os arredores de Satolep, chuvas fortes que tornavam algumas zonas alagadiças intransitáveis, ponte próxima ao canal.

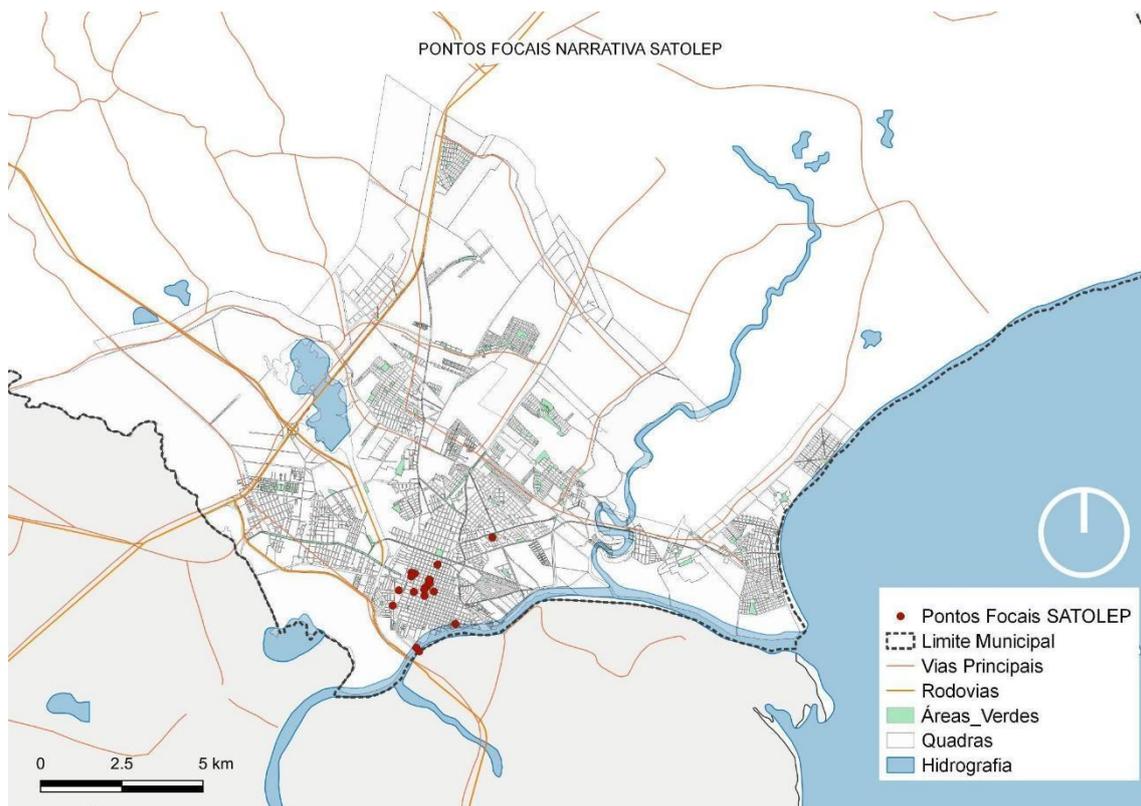


Figura 10 – Mapa com a sobreposição das Áreas Urbanizadas do município de Pelotas

Fonte: Mapa produzido pela autora com base de dados do Laboratório de Urbanismo (LabUrb – FAUrb – UFPel) e Delimitação de Áreas Urbanizadas pelo IBGE (2019).

Na descrição da zona limítrofe do município, a personagem faz um percurso de regresso à cidade, durante este recorrido, registra o aspecto crítico de um bairro descrito como a margem, em zonas limítrofes ao canal.

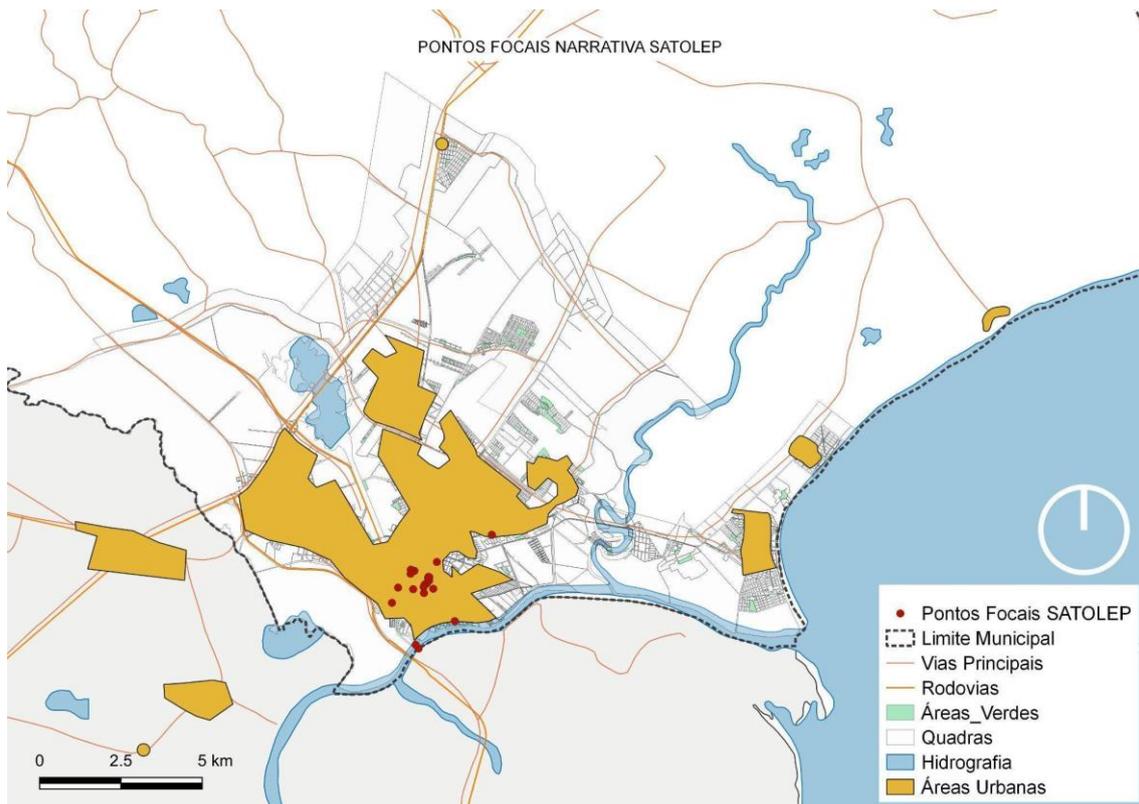


Figura 11 – Mapa com a sobreposição das Áreas Urbanizadas do Município de Pelotas

Fonte: Mapa produzido pela autora com base de dados do Laboratório de Urbanismo (LabUrb – FAUrb – UFPel) e Delimitação de Áreas Urbanizadas pelo IBGE (2019)



Figura 12 – Fiação e Tecidos, possível Gasômetro da narrativa

Fonte: Acervo da autora.

Na cidade de Pelotas, na zona limítrofe do canal São Gonçalo existe uma antiga fábrica de fiação e tecidos Pelotense.

Na narrativa, no percurso da personagem a mesma aborda um gasômetro pelotense. Todas estas localizações, sejam reais, sejam fictícias, mostram na narrativa proximidade com os limites do canal São Gonçalo. Na sequência desta deriva o autor percorre a rua Benjamin Constant para tomar o bonde. Todos estes elementos citados pertencem a construção e a historicidade da cidade de Pelotas, essa similaridade não é em vão, a associação que o autor possibilita é um transporte pela cidade. Nesse sentido, a figura 03, tem a intenção de esboçar os pontos focais centrais do texto e do deslocamento da personagem no tecido urbano. Desse modo, foram utilizados pontos ao invés de trajetos pela proximidade dos espaços e principalmente pela circulação não linear da personagem através da malha urbana, o que em um mapeamento com muitos

fluxos de pequeno porte e idas e vindas, dificultaria a associação do percurso a um trajeto linear.

Deixei o gasômetro não mais como um monstro esgotado, eu era agora minha última vítima. Andei até a Rua Benjamin Constant e lá tomei um bonde em direção ao centro. (RAMIL, 2008, p. 203)



Figura 13 – Outra possibilidade de localização do Gasômetro descrito pela narrativa

Fonte: Acervo da autora.

É importante ressaltar que o percurso elaborado pelo autor não somente é constituído de elementos materiais da cidade, ele é também faz correlações com elementos de ordem sazonal e com sensações e características do ambiente. Dito isto, a cidade de Satolep que faz correlações com a cidade de Pelotas Os aromas da várzea inundada continuavam nos caminhos de pedra. Misturados aos odores de soja e café e às emanações de telhados e porões,

formavam o cheiro típico de Satolep – quando o vento não trazia a podridão das charqueadas e dos curtumes.

O narrador encontra a casa e a cidade, após isto, caminha para conversar no Café Aquário. Outro elemento presente na narrativa é a Guarany Filmes e o filme “Crime dos Banhados”. Assim sendo, entre poetas e referências culturais da cidade de Pelotas, Satolep se constrói, como dito anteriormente, em ambiências variadas, em diversas épocas. Quando o narrador fala na exposição no jardim central, orientado para a fonte das nereidas, aproxima-se ao fato de que o jardim central seja equivalente para Pelotas à praça Coronel Pedro Osório, no eixo central da cidade.



Figura 14 – Café Aquários em Pelotas, Café Aquário em Satolep

Fonte: Acervo da autora.

Eu me deixava levar, pelo fluxo das fachadas, acesas ao leste, sombrias ao sul: o Mercado Público, sua sequência de portas, sua torre francesa e seu relógio alemão: ao lado, o Palácio Municipal e a esquina em que eu estivera com João Simões pela última vez; à esquerda, o Banco de Satolep e a arrogância de sua colunata; à direita o Jardim Central, fazendo-se também ouvir pela voz de seus pássaros; atrás dele, o Hotel Brasil e o Teatro Sete de Abril [...] (RAMIL, 2008, p.243)



Figura 15 – Teatro Sete de Abril

Fonte: Acervo da autora.

A personagem transita pela cidade e passa novamente pelas imediações do prédio da Biblioteca Pública que nesta cena está à frente do narrador, nesse sentido o autor refere-se sempre a um jardim central. chuva de pedras que caía sobre a casa. “Basicamente, comecei a passar mais horas na rua” (RAMIL, 2008, p.247).



Figura 16 – Biblioteca Pública de Pelotas

Fonte: Acervo da autora.

[...] como um morador da Rua Paysandú, eu deixaria de saber se passava nas ruas de Satolep ou se as ruas de Satolep passavam em mim. (RAMIL, 2008, p.240)

Na descrição do texto a personagem aborda uma exposição fotográfica ao longo do tempo que conta na narrativa. Nesse sentido, ela passa diversas vezes pelo jardim central em sua trajetória no decorrer da obra, nas imagens das páginas pretas que subdividem o livro em partes, no que se refere ao jardim central de Satolep existem imagens antigas da praça Coronel Pedro Osório, de

mesmo modo, na narrativa, o autor coloca a fonte das nereidas em evidência, nesse sentido, permite uma associação de seu objeto fonte do jardim central, descrito pelo mesmo na obra em relação à praça existente.

Assim sendo, é possível deduzir que existe a possibilidade de uma obra literária desvendar um lugar, entretanto, a mesma obra é capaz de ocultar narrativas.

Eu poderia passar toda uma tarde nas doquinhas, vendo o vaivém dos barcos e o vento a ondular a várzea do outro lado do São Gonçalo, ou observar durante horas a passagem da lua sobre o castelinho do fim da rua XV. Quando os sem lares me recolheram da calçada do Clube Caixeiral. (RAMIL, 2008, p. 276)



Figura 17 – Quadrado, atracadouro localizado na vila Doquinhas, zona portuária da cidade de Pelotas

Fonte: Acervo da autora.

Desse modo, é possível considerar que Satolep não é um livro sobre conflitos, porque esta narrativa é capaz apenas de mostrar um recorte do imaginado, não é capaz de mostrar uma realidade oculta, pode-se dizer nesse sentido que a narrativa de análise perpetua vulnerabilidades.



Figura 18 – Clube Caixeiral

Fonte: Acervo da autora.

Durante o percurso urbano pela cidade, proposto pela deriva, podemos perceber que a conexão e similaridade com os deslocamentos não é representada com fidelidade, há por sua vez, a alternância. O autor também coloca sobre características físicas da cidade como o relevo, o banhado etc. No final do livro o autor faz um percurso e explica que será um percurso breve, abreviado.

[...] embriaguei-me com a cidade nas imediações da cervejaria Ritter; assisti à dança delirante de Meio-Dia do alto, do ponto de vista do sol que fazia delirar; inquietei-me com o pensamento de um homem que

se perguntava “em que quarto tudo se perdeu?” o passageiro das coincidências que eu encontrara - ou sonhara que encontrara em minha primeira noite em Satolep, deu-me seu testemunho completo sobre o nosso delibab, a fonte das Nereidas; a previsão de destruição de Satolep feita pelo Rapaz insinuou-se na quebra do poderoso Banco de Satolep, mas ao mesmo tempo, entremeada com imagens baudelairianas, uma perspectiva de preservação apareceu no trabalho modesto de um velho colono de tamancos; (RAMIL, 2008, p. 244)

Por fim, o narrador se coloca como morador da Rua Paysandu⁵, como um morador da Rua Paysandu, eu deixaria de saber se passava nas ruas de Satolep ou se as ruas de Satolep passavam em mim” (RAMIL, 2008, p. 262). O narrador fala da caixa d'água, do canaleta da Argolo (narra o percurso entre as ruas Argolo e Anchieta) que ilustra o desfecho de sua narrativa e coloca fim à trajetória do narrador na obra de literatura. “Andei junto ao canaleta até a esquina seguinte, olhando para dentro dele de vez em quando.” (RAMIL, 2008, p. 263). Após isto, “corri pela Gonçalves Chaves de volta até a Argolo, dobrei a esquerda e fui até o fim da rua.” (RAMIL, 2008, p.266). o último movimento da narrativa consiste na volta do a casa.

⁵ A Rua Barão de Santa Tecla foi chamada de Rua Paysandu, entre os anos 1882 à 1926. Fonte: Acervo NEAB.



Figura 19 – Canaletes da Rua General Argolo, Pelotas

Fonte: Acervo da autora.

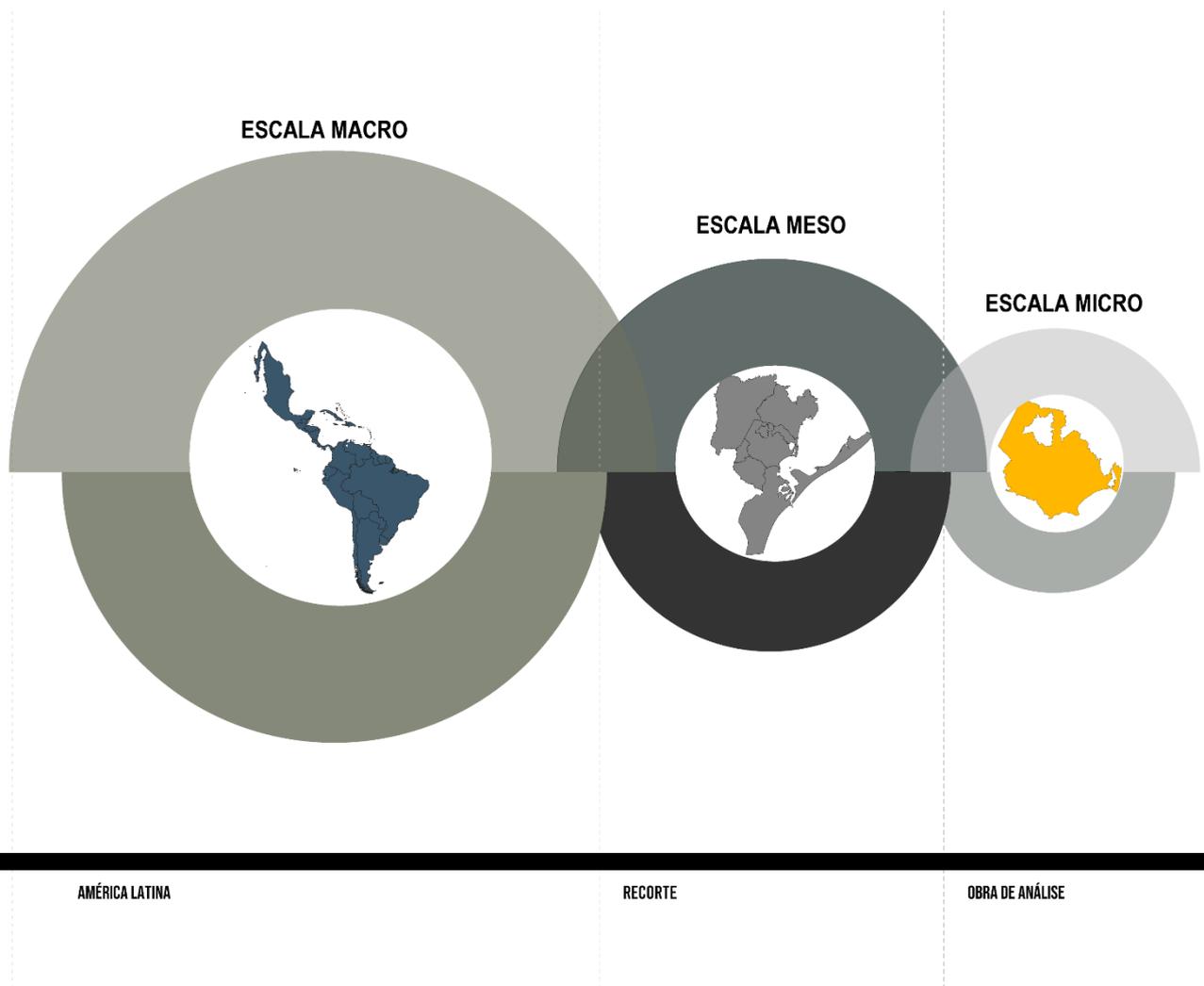


Figura 20 – Escalas de análise

Fonte: Elaborado pela autora.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o problema de pesquisa que se pretendia explorar conduziu o trabalho, em um primeiro momento, por manifestações sociais que tornaram acontecimentos urbanos materialmente possíveis, como por exemplo os processos de industrialização e modernização. Ao longo do trabalho, foi possível perceber que não somente os processos de desenvolvimento material das cidades impactavam a produção das cidades, mas também os processos culturais inseridos nos processos de formação delas, que além de impactarem em suas características locais, também interferem em suas narrativas individuais.

Assim sendo, para explorar as relações entre urbanismo e literatura durante o processo de pesquisa, foi necessário estabelecer uma série de revisões a respeito de seu recorte. Foram revistos os parâmetros da escala da análise, os quais foram reorganizados, visando um melhor entendimento geral da organização da pesquisa, a partir de uma subdivisão. Esta reorganização fez com que a escala mais ampla de análise abordasse o território latino-americano de uma forma ampla, ainda que de maneira generalista. Na dinâmica de aproximação foi percebida a necessidade de aproximação de uma obra de literatura com uma realidade.

Nesse sentido, no estudo, a escolha de uma obra literária possibilitou a aproximação de uma realidade local, neste caso, a obra literária Satolep, de Vitor Ramil, estabeleceu uma relação direta com a cidade de Pelotas, além disso, esta confluência, fez com que o estudo possuísse uma centralidade. Nesse sentido, a obra possibilitou uma aproximação com o cenário urbano da cidade, em relação ao estudo de caso, a reflexão produzida nesta dissertação foi o resultado de uma revisão sistemática da leitura da obra de literatura em si. Por um lado, a análise não passa isenta de estar somada à anterior revisão bibliográfica, por outro, a avaliação ainda foi permeada pela utilização da metodologia utilizada, a psicogeografia. É possível fazer certa analogia entre a escala maior de análise e o território da América Latina, dito isto, o trabalho possuiu em sua composição uma grande escala de análise, que se propunha observar os territórios

envolvidos de uma forma integral. Entretanto, a intenção foi incorporar, em termos de amplitude, uma escala maior de avaliação, porém, seria inviável fazer uma análise literal do todo da literatura latino-americana em relação às cidades em um trabalho com as proporções de uma dissertação de mestrado.

Nesse sentido, o trabalho explorou o que a obra literária de referência norteou, utilizando como metodologia caracterizar as ambiências construídas a partir da literatura e confrontá-las com aquelas vigentes na cidade, tomando como termo de comparação o fato de que ambos os universos tratam da cidade de Pelotas. As premissas levantadas na configuração inicial do trabalho, sobre como as obras literárias foram e são capazes de relatar processos históricos de urbanização, foram articuladas por um viés analítico das cidades, todavia, a pesquisa não teve a intenção de cumprir pragmaticamente uma sequência a fim de vencer uma lista de pontos, ou seja, a pesquisa, conforme o aprofundamento ao longo de sua construção, foi articulada com o objetivo de vencer o tema proposto e nesse sentido, sua organização entende a importância de se opor ao racionalismo excessivo e rompe com a configuração de uma carta de Atenas para a construção deste produto final da pesquisa.

Nesse sentido, pode-se concluir que a observação da urbanização em uma obra literária é capaz de retratar um cenário descrito, entretanto, a pesquisa ainda que tenha a possibilidade de avançar no discurso sobre o tema, como se pode ver, mostra o quão complexa é a abordagem a respeito da literatura e do urbanismo e o quanto é necessária uma série de elementos e de escalas para compor um estudo que articule as duas construções epistemológicas.

Durante o estudo, ainda numa escala ampla de análise, relativa a América Latina, percebeu-se com o decorrer da pesquisa que a história da literatura latino-americana possuía uma história recente enquanto instrumento de formação e informação identitária sobre o continente. Após a checagem numa escala mais ampla, numa escala local, é possível perceber pela aproximação ao cenário urbano que algumas desigualdades podem ser evidenciadas ao observarmos as narrativas literárias, bem como, num movimento de análise inverso, também podem ser escondidas. Desse modo, a metodologia de análise, permite uma via de mão dupla, se por um lado as características podem ser

evidenciadas, por outro, torna possível também sua problematização. A ambiguidade A mudança de escala ao longo do trabalho, possibilitou uma aproximação com uma linha do tempo e, por consequência, a observação do desenvolvimento das cidades de uma forma geral na América Latina. Nesse sentido, ao fixarmos o desenvolvimento das cidades que perante uma linha do tempo, foi possível perceber durante a pesquisa que projetos urbanos são produtos feitos para um passado, pois quando a dimensão do presente se insere, diante dos projetos urbanos, mostra que o urbanismo em si é um produto fixado no passado. Dito isto, o cotidiano e os temas que o contornam ficam, por conseguinte, suprimidos.

Ao fixarmos durante o trabalho que o urbanismo campo do conhecimento com capacidade de expressão no passado, foram observadas, durante a apropriação das obras, que alguns movimentos tanto literários quanto urbanísticos traziam consigo nova uma linguagem e consigo a possibilidade de renovação do pensamento. O discurso do modernismo sob este contexto, contribuiu para a definição do recorte temporal para a análise de uma escala macro latino-americana.

Em uma escala intermediária, a abordagem deu conta de discussões a respeito do entorno da obra de literatura, sem deixar de respeitar o termo de comparação do trabalho, a escala. Desta maneira, a pauta da identidade cultural latino-americana aparece como reordenadora do discurso. Posto isto, entende-se que a literatura propiciou a organização de um pensamento coletivo sobre o cenário urbano. Sendo assim, na escala micro, foi possível observar ao longo do trabalho, que os textos de escolha para compor o estudo de caso conduziram a pesquisa por seus meandros, revisão bibliográfica geral, aproximação com o conteúdo local, estudo de caso, descrição e análise do conteúdo, exploração de particularidades e posterior reflexão sobre o tema, para que durante o decorrer da pesquisa se entendesse qual a vocação da obra de análise e então fosse possível fazer a associação com a realidade na cidade de Pelotas. Nesse sentido, durante o desenvolvimento da pesquisa, a narrativa analisada da obra literária Satolep, foi fundamental para orientar, na escala micro, o percurso pela obra. Entretanto, mesmo que a obra de referência tenha conduzido para a sua capacidade de avançar na relação com o lugar, o que foi necessário durante o

desenvolvimento foi uma postura crítica que pudesse alcançar aspectos que a obra não era capaz de desenhar por completo.

A proximidade do objeto de estudo com a realidade que pretendia se evidenciar fez-se necessária para fins de aproximação do estudo com a amostra, a representação que se propunha estabelecer descreve um contorno proposto pela primeira urbanização. Em sua essência, uma narrativa literária traz elementos urbanos, nesse sentido, pôde-se perceber a ênfase da narrativa no centro da cidade, no decorrer do desenvolvimento e avanço de suas personagens, entretanto, outra questão central desenvolvida no trabalho foi a da relação do direito à literatura e do direito à cidade. A apropriação em ambos os temas, como o observado na pesquisa, traz consigo um elemento central o acesso, acesso à cidade, acesso à literatura, ao direito de caminhar pela cidade ou à capacidade de pensar e ter voz dentro destes contextos que detêm os temas do urbanismo.

Em relação ao direito à cidade, apesar de ser um termo aberto, mostra que colocado lado a lado à narrativa de análise indiretamente enfatiza aspectos sobre o domínio do capital em relação à centralidade que é apresentada na obra e, nesse sentido, contribui para reforçar os estereótipos já historicamente direcionados aqueles que foram privados dos privilégios da cidade.

Os resultados desta pesquisa e principalmente da narrativa em análise, não pretende esgotar a argumentação da associação entre o urbanismo e a literatura, visto que ainda são recentes os estudos sobre o tema, dito isto, é possível ressaltar o movimento de construção desta análise, que ao longo de seu desenvolvimento encontrou uma quantidade ainda restrita de material de inter-relação da literatura com o urbanismo, principalmente nas cidades latino-americanas. Dentro deste espectro, a construção da escala de maior amplitude demandou algumas associações da literatura que não possuíam como objeto central o urbanismo, mas sim a arquitetura. Nesse sentido, como o trabalho procurou alcançar estas dimensões que extrapolam os limites da produção material em si mesma, como a construção de edifícios e em relação à construção do “lugar” em termos isolados, a abordagem pautou como central a capacidade

de articulação e de descrição de uma narrativa literária ao evidenciar esta construção do lugar na escala de aproximação.

Assim sendo dadas as escalas de trabalho; de grande amplitude, a aproximação para obras e a de análise da obra local; utilizadas para que a representação e proporcionalidade das amostras representem em si a abrangência de cada fase da escrita da dissertação.

A temática da construção de identidade para a América Latina surge na grande escala de análise, como eixo da estrutura cultural latino-americana, apoiado na modernidade. A cultura aparece relacionada à construção das cidades, porém mediada pelo Estado, nesse sentido, apesar de necessária à identidade cultural e a constituição de constituição de poder das cidades, reflete marcas do colonialismo. Nesse sentido, apesar de sua vasta importância para o desenvolvimento deste lugar, a estrutura de identidade cultural latino-americana acaba necessitando uma quantidade expressiva de elementos para uma análise pormenorizada e não excludente.

De mesmo modo acontece em alguns recortes da literatura, algumas narrativas literárias conseguem alcançar lugares que outras não chegam, dito isto, a saída possível dentro da teoria e crítica para alguns autores é a revisão de conceitos da própria história do urbanismo, como, por exemplo, conceitos de definição que não necessariamente se justificam após terem sido revisados historicamente, ou ainda outros conceitos da teoria e crítica que não se justificam e não foram explorados de uma maneira a revisar o que já foi escrito sobre o urbanismo. Dessa forma, assim como acontece em alguns recortes da literatura ou em diversos eixos da análise da estrutura cultural por onde a literatura local está inserida, a saída para alguns autores para as concepções históricas pré-estabelecidas e culturais que nada dizem sobre o todo e sim apenas de uma visão parcial e pouco completa das cidades.

Nesse sentido, ao ser estruturado o estudo de caso, colocou em evidência alguns aspectos sociais que esta narrativa foi capaz de evidenciar, o primeiro aspecto que se pode destacar é a relação do caminhar desta personagem no ambiente urbano, as interações são mostram não só as interações com a

produção arquitetônica material da cidade, como também descreve a potência desses encontros e como esse conjunto de encontros também constrói o imaginário do caminhante.

O que podemos perceber também, justamente porque o texto deixa de lado e não apresenta, é o ocultamento de narrativas não centralizadas, como as que existem quando a obra percorre a zona limítrofe da cidade, no momento em que a personagem faz a descrição destas casas que estão alagadas em um dos fenômenos naturais expressos na obra literária de análise. Dito isto, é importante ressaltar que a obra em si não traz uma deriva, todavia, este trabalho avançou no sentido de possibilitar uma deriva nesta cidade imaginada, uma vez que vai além do que qualquer projeção do espaço cartesiano possa representar, pois traz elementos subjetivos de apreensão do lugar.

Esta abordagem, demonstrou que a narrativa da obra de análise não é por si capaz de ser democrática na organização do lugar, em relação ao gênero e racial, por exemplo, assim sendo, é possível perceber que dentro da obra tanto que existiam elementos que possibilitam a comparação estabelecida entre a cidade da obra literária e a cidade de Pelotas, quanto existem aspectos particulares da narrativa que orientam ao exercício de análise destes intertextos.

A leitura da obra, como forma de deriva, mostrou que a narrativa de análise possui um limite de apropriação, o cenário mostrado pode refletir apenas com parcialidade a construção das narrativas na cidade, nesse sentido, é possível inferir que na busca de narrativas latino-americanas, que esta obra de análise não foi produzida em um contexto de minorias e a aproximação ao estudo de caso mostra alguns limites que contornam esta abordagem proposta por esta pesquisa.

A parcialidade da construção de narrativas é o fenômeno percebido na obra de análise, visto que se pode identificar que dentro deste contexto urbano narrado não existem elementos que demonstrem uma pluralidade de sujeitos que torne o contexto urbano diverso, nesse sentido, pode-se concluir que a obra se constrói em detrimento dessas narrativas e reproduz estereótipos já enraizados no senso comum.

Dentro da perspectiva do senso comum, alguns elementos podem passar despercebidos, como a centralidade e a apropriação do espaço apenas por homens. Dito isto, é possível evidenciar dentre os limites da pesquisa o avanço em relação a um contexto mais diversos, nesse sentido, por questões de proximidade e relação com o lugar a obra de análise não avançou em narrativas diversas. Pode se pensar que a pesquisa esbarra em alguns limites, como do limite de exploração da criação do espaço que as obras de literatura são capazes de retratar, as lacunas geradas e a parcela de incompatibilidade de acontecimentos, encontros e deslocamentos em relação à sequência de leitura e análise para o acompanhamento de uma deriva literária.

Assim sendo, um dos limites evidentes da pesquisa foi problematizando a inexistência de narrativas inclusivas, assim se pode perceber a necessidade de reinterpretação do imaginário urbano e com uma perspectiva crítica, retomar essas informações e memória, além de possibilitar um viés crítico para somar aos discursos mostrar que é possível a construção de um novo pensamento, com abertura para outros modos de ser e de habitar. Desse modo, percebe-se que neste movimento de retomada, a sensibilidade com que o cotidiano organiza a cidade diariamente, e a potência deste para o movimento de retomada de serviços, equipamentos e espaços urbanos das cidades. Por não ser uma narrativa acolhedora, não são incluídos momentos narrados por mulheres, por exemplo. Nesse sentido, a estrutura da narração fez com que não fossem incluídas narrativas que estivessem mulheres, e principalmente, mulheres utilizando o espaço urbano. Entretanto, para a aproximação e articulação com a realidade local, suas relações como espaço urbano e com a rua, de uma maneira geral, possibilita a conclusão de que as narrativas femininas devem ser alvo de busca de pesquisas para relatar a cidade e que a literatura é capaz de expressar aspectos que muitas vezes não estão em métodos de planejamento e projetos tradicionais.

Outro limite que a pesquisa encontrou foi em relação à representação cartesiana do imaginário que se apresentava na obra, pois a personagem ao se deslocar de um lugar para outro, demonstrava certa inconsistência entre a proporção do espaço narrado e os deslocamentos subsequentes da personagem. Em relação à localização desses espaços dentro do lugar descrito,

na narrativa por vezes é possível encontrar certa similaridade de distâncias com o que se pode ver na cidade de Pelotas e por vezes o autor rompe com a questão da distância e da quantidade de quadras percorridas pela personagem. Assim sendo, a obra por vezes ocorre à lugares e a tempos distintos e outras vezes aos que poderiam ser reconhecidos e com medidas aproximadas com a escala linear numérica, entretanto, devido aos momentos que o autor distorce e confunde as informações sobre os pensamentos da personagem em relação às imagens de construção dessa cidade imaginada e em relação à deriva. Nesse sentido, isto torna pouco viável representar todos os deslocamentos com precisão. O contorno a este limite foi feito através da interpretação desses lugares imaginados e uma organização cronológica abreviada para que fosse possível percorrer os mesmos lugares e avançar no discurso sobre qual é essa cidade que o livro tenta compor.

Em suma, a proposta colocada, articulou, escolhendo por questões de apropriação e de apreensão do território, uma obra local que associou diretamente aspectos físicos e culturais da cidade de Pelotas.

Em relação à narração, mais precisamente a narração como prática de apreensão do lugar, o cotidiano aparece como escala humana, proximidade e retorno à práticas que estão em constante movimento no cenário urbano, neste aspecto, a metodologia da psicogeografia utilizada, mostrou que não há passividade, ou seja, o caráter de ação presente, durante o trabalho foi possível perceber também a arbitrariedade do planejamento urbano e o que isso condiciona dentro da narrativa dentro do cenário urbano, assim, percebe-se um movimento de supressão nas ruas, ou seja, não estão disponíveis para todos.

Devido ao caráter efêmero dos elementos urbanos é possível afirmar através da obra de análise e sua possível aproximação com a cidade que a perspectiva a qual é criado um imaginário para uma criação, traz uma série de elementos que alteram conforme o decorrer da narrativa, de mesmo modo ocorre com as cidades, só que em uma intensidade superior à que a capacidade da narrativa pode descrever, demonstrando que a própria narrativa de análise pode desenhar um recorte. Nesse sentido, não há passividade na articulação destes elementos de uma cidade, pois sua construção extrapola o planejamento e em

si as estruturas de modificações das narrativas, pois esta dinâmica é mediada por uma ação e não por representações gráficas.

A obra também reforça a centralidade e o poder sobre a cidade e o acesso a ela nas mãos de apenas um pequeno, de homens, salvo raras exceções onde mulheres são citadas. A narrativa serve de instrumento para a percepção e entendimento de quem ocupa esses espaços na cidade da obra de análise, nesse sentido, conclui-se que existe arbitrariedade na própria organização dos espaços, nada mais são do que reflexos de um planejamento urbano ineficiente em promover a inserção de outros grupos nesta centralidade urbana. Dito isto, esse movimento pode ser entendido como uma supressão das ruas.

Ademais, Satolep não é um livro sobre conflitos, assim é capaz de reproduzir desigualdades, contribuindo para o engessamento de um cenário já posto, onde o detrimento da voz é centralizado e do poder urbano está na mão de poucos. Entretanto, é uma obra capaz de alcançar a dimensão urbana da cidade de Satolep, que não deixa de ser uma cidade de Pelotas, devido à sua semelhança.

7. REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Urbanismo em fim de linha: e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica**. Edusp, 1998.

ARANTES, Pedro Fiori. **Em Busca do Urbano**. Novos Estudos, 2009.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, n.11, p.89-117, 2013.

BENEDETTI, Mário. **Primavera num espelho partido**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. **São Paulo: Brasiliense**, p. 224-225, 1994.

BOLAÑO, Roberto. **Os Detetives Selvagens**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017.

CALVINO, Ítalo; **As Cidades Invisíveis**. 2002. Trad: Diogo Mainardi.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. **Vários escritos**; 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CARRASCO, André de Oliveira Torres. **Os limites da arquitetura, do urbanismo e do planejamento urbano em um contexto de modernização retardatária: as particularidades desse impasse no caso brasileiro**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2011.

CASARES, Adolfo. BORGES, Jorge Luis. OCAMPO, Silvina. **Antologia da literatura fantástica.**; (org.) Trad. Josely Vianna Baptista. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CASTELLS, Manuel. **Imperialismo y urbanización en América Latina**. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.

CASTRO, Alejandro Bonilla. **Circulación de saberes del urbanismo y redes transnacionales del INVU, 1954-1970**. Revista Reflexiones, N. 97, vol. 2, pp. 87-106, 2018
CASTRO, Ana Cláudia. **Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana**. Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 24(3), 99-120, 2016 <https://doi.org/10.1590/1982-02672016v24n0304>

CORRÊA, Gilnei Oleiro. **A cidade, a poltrona e a linha: Estudos sobre a Estética do Frio, de Vitor Ramil**. Dissertação. Universidade Católica de Pelotas, 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o Mundo: Feminismo e a Política dos Comuns**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2022.

FILHO, João Antônio. **Casa de Loucos**. 4ª ed. São Paulo: Rocco 1994.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GORELIK, Adrian. **A Produção da Cidade Latino-Americana**. 2005. GORELIK, Adrian. A produção da “cidade latino-americana”; São Paulo: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.17, n.1, pp.111-133, 2005. Tradução Fernanda Arêas Peixoto.

_____. 1. Nostalgia e Plano. O Estado como vanguarda. In: **Das Vanguardas à Brasília: Cultura Urbana e Arquitetura na América Latina**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

_____. **La Memoria Material: Ciudad e Historia**. Bol. Inst. Hist. Argent. Am. Dr. Emilio Ravignani, Buenos Aires, n. 33, p. 181-187, dic. 2011. Disponível em http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0524-97672011000100026&lng=es&nrm=iso. Acesso em 12 de agosto de 2021

_____. **Cidades Sul-Americanas Como Arenas Culturais.** Edições Sesc SP: São Paulo, 2019.

_____. **Imaginarios urbanos e imaginación urbana: Para un recorrido por los lugares comunes de los estudios culturales urbanos.** EURE (Santiago), Santiago, v. 28, n. 83, p. 125-136, maio 2002. Disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612002008300008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 12 agosto de 2021.

GORELIK, Adrián. **O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização.** in Wander Melo Miranda (org.), Narrativas da Modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, pp. 55-80

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia.** Edições 70, 2008.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes;** Salvador, EDUFBA, 2012. 331p.

_____. **Apologia da Deriva.** Escritos Situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2003.

KERN, Leslie. **Cidade feminista: a luta pelo espaço urbano em um mundo desenhado por homens.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade;** São Paulo: Centauro, 2010.

LIERNUR, Jorge Francisco. **¡Es el punto de vista, estúpido!** In: Arquitectura en teoría. Escritos 1986-2010. Buenos Aires, Nobuko, 2010, pp. 273-288.

MARTINS, Carlos A. F. **Identidade nacional e Estado no projeto modernista. Modernidade, Estado e tradição.** In: GUERRA, Abilio. (Org.). Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira. Parte 1. São Paulo: Romano Guerra, pp. 279-298, 2010.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana.** Revista Usp, n. ju/ago., p. 144-55, 1996. Tradução. Acesso em: 06 out. 2022.

NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica 1965- 1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci – Towards a phenomenology of architecture**. London: Academy Editions, 1980.

PEIXOTO, Paulo. Tudo o que é sólido se sublima no ar: políticas públicas e gestão do patrimônio. São Paulo: Annablume, 2013.

PERRONE-MOISES, Leyla. **Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina**. In: Estudos avançados. [online]. 1997, vol.11, n.30, pp. 245-259. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000200015]

RAMIL, Vitor. **A Estética do Frio**. Pelotas: Satolep Livros, 2009

_____. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NETO, Francisco; RIETH, Flávia; ALFONSO, Louise. **Pelotas-RS pelas suas margens: a patrimonialização como expressão das múltiplas formas de habitar a cidade**. Barbarói, p. 63-75, 13 dez. 2019.

ROSSATI, Camila Gui. **Roberto Schwarz, arquitetura e crítica**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2010.

SCHWARZ, Roberto. **As Ideias Fora do Lugar**. In: SCHWARZ, R. Ao vencedor as batatas. São Paulo: Duas Cidades, 1992. p. 11-31.

SEGRE, Roberto, relator. **América Latina en su arquitectura**. 5ª ed. Cidade do México: Siglo XXI, 1983.

SILVEIRA, Melina. ALFONSO, Louise. SOUZA, Newan. **Para além da monumentalidade: o papel social da Arqueologia da Arquitetura no reconhecimento e valorização de narrativas e patrimônios invisibilizados**. Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 181–207, 2022. DOI: 10.24885/sab.v35i2.918. Disponível em:

<https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/918>. Acesso em: 25 jan. 2023

USANDIZAGA, H. **La reconstrucción del espacio marginal en; Hasta no verte Jesús mío; de Elena Poniatowska**. Lectora: revista de dones i textualitat, [S.l.], n.1, p. 25–34, 1995. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/lectora/article/view/6408>. Acesso em: 13 jan. 2022.

VELLOSO, Rita. **Urbano – Constelação**. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2022.

VILLORO, Juan. Iguanas y dinosaurios: América Latina como utopía del atraso. In:_____.(org.). **Efectos personales**, Barcelona, Anagrama, p. 107-115, 2000.

WAISMAN, Marina. Conceitos instrumentais para a análise da arquitetura a partir de um ponto de vista latino-americano. In: **O interior da história. Historiografia arquitetônica par auso de latino-americanos**. São Paulo, Perspectiva, pp.55-207, 2013.

YUNES, Gilberto Sarkis. **Cidades reticuladas: a persistência do modelo na formação urbana do rio grande do sul**. 1995. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. Acesso em: 24 jan. 2023.

ZAMBRANO, Maria Rosa. **Discursos latinoamericanistas em los debates arquitectónicos de la década de 1980**. Los seminários de Arquitectura Latinoamericana (SAL). In: Cuaderno de notas. Madrid: ETSAM, Escola Politecnica de Madrid, n.16, 2015. Disponível em: <http://polired.upm.es/index.php/cuadernodenotas/article/view/3117> Acesso em 13 de agosto de 2021.